



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

VINICIUS FERREIRA GOMES

**Cirandas da Memória: Cantigas de
roda e memória coletiva nas aulas de
História do Ensino Fundamental II -
Escola Municipal Iêda Alves de
Oliveira**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Outubro / 2022



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia– UESB
Mestrado Profissional em Ensino de História. ProfHistória/Uesb

Vinicius Ferreira Gomes

Cirandas da Memória: Cantigas de roda e memória coletiva nas aulas de História do Ensino Fundamental II - Escola Municipal Iêda Alves de Oliveira

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História. ProfHistória/Uesb, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de Pesquisa:
Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão

Orientadora: Profa. Dra. Avanete Pereira Sousa

Vitória da Conquista – Bahia
Outubro de 2022

G612c

Gomes, Vinicius Ferreira.

Cirandas da memória: cantigas de roda e memória coletiva nas aulas de história do ensino fundamental II - Escola Municipal Iêda Alves de Oliveira. / Vinicius Ferreira Gomes, 2022.

80f. il.

Orientador (a): Dr^a. Avanete Pereira Sousa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2022.

Inclui referência F. 124 - 130

1. Ensino de história. 2. Memória coletiva. 3. Cantigas de roda. 4. Cultura popular. I. Sousa, Avanete Pereira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Ensino de história- ProfHistória. III. T.

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

Bibliotecária UESB – Campus Vitória da Conquista-BA

VINICIUS FERREIRA GOMES

**CIRANDAS DA MEMÓRIA: CANTIGAS DE RODA E MEMÓRIA
COLETIVA NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL II
– ESCOLA MUNICIPAL IÊDA ALVES DE OLIVEIRA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Foi avaliada para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História, e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Data da aprovação: **26 / 10 / 2022.**

Banca examinadora:

Prof. Dra. Avanete Pereira Sousa

Orientadora – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Prof. Dra. Grayce Mayre Bonfim Souza

Examinadora Interna - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Prof. Dra. Janaína Cardoso de Mello

Examinadora Externa – Universidade Federal de Sergipe (UFS)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida: minha mãe e minha avó. As pessoas mais fortes que conheço, que me inspiram diariamente. Que me incentivam e vibram por todas as minhas conquistas. Nessa caminhada contar com o apoio de vocês foi fundamental para chegar no fim. Esse título é de vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de viver esse sonho. O Profhistória era um sonho que estava diariamente em minhas orações, e carregava na minha Bíblia o comprovante da inscrição de 2016 como lembrete de onde queria estar. E aqui estamos! Você esteve comigo em toda caminhada! Obrigado Deus.

Agradeço a minha mãe por sonhar comigo. Se existe alguém nessa Terra que merece todo crédito é você! Minha mãe é aquela mulher que muitos conhecem como guerreira, e de fato ela é! Afinal, não é fácil criar dois filhos, educar, dar o melhor, ser presente, mesmo trabalhando em um local totalmente exaustivo! Hoje ela usufrui da aposentadoria, mas isso é muito pouco diante do que ela merece! Cada conquista, da menor a maior será por ela! Essa minha conclusão no mestrado fala mais dela do que sobre mim! Eu te amo mãe.

Agradeço a minha família por vibrarem comigo e se orgulharem de mim.

Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Avanete Pereira Sousa pela condução tão leve no período da orientação. Obrigado por todo apoio e suporte nesse tempo de orientação. Levo no meu coração cada ligação, cada mensagem enviada para que este trabalho estivesse da melhor maneira.

Agradeço as Profas. Dras. Greyce e Janaína por fazer parte desse processo, pelas valiosas contribuições e pelo olhar atento e generoso.

Agradeço a todos os professores do Profhistória responsáveis pela minha formação. Eu os admiro imensamente. Parafraseando Isaac Newton “se enxerguei mais longe foi por que subi nos ombros de gigantes”. Obrigado por doarem seus ombros para que pudéssemos enxergar outros horizontes.

Agradeço meus colegas do Profhistória. Vocês tornaram essa caminhada leve e feliz, Que bom que vocês fazem parte desse sonhos. Seguiremos juntos além.

Agradeço a minha Escola Iêda Alves de Oliveira, em especial minha diretora Patrícia e minha coordenadora Rosilandi, e todos os colegas professores por ser uma família pra mim e fazer um ambiente de ensino com liberdade para realizar essa pesquisa. Não posso esquecer dos meus sextos anos, protagonistas dessa pesquisa.

Agradeço aos meus pastores João Batista e Jefferson por me ouvirem, por dividir comigo as cargas e por me estimularem na dedicação da vida acadêmica. Rê, Gênesis e Tam, obrigado pelo apoio e direcionamento. Aos meus amigos que me escutaram, me orientaram, que seguraram nas minhas mãos, o meu mais sincero obrigado. Eu os amo

*Roda na rua
a roda do carro.*

*Roda na rua
a roda das danças.*

*A roda na rua
rodava no barro.*

*Na roda da rua
rodavam crianças.*

O carro, na rua.

Cecília Meireles

RESUMO

A presente pesquisa tem por objeto as cantigas de roda como expressão da memória coletiva e tem como objetivo investigar como as cantigas e suas variantes, presentes na memória social dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da cidade de Medeiros Neto, Bahia, podem ser utilizadas como instrumentos de mediação nas aulas de História no Ensino Fundamental II. Tomando por referência os pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural, as cantigas são abordadas a partir dos conceitos de cultura popular, de acordo com as proposições de Peter Burke, Roger Chartier, Robert Darnton e memória coletiva por Maurice Halbwachs. O levantamento das fontes foi realizado por meio de atividades como entrevistas, relatos feitos em sala de aula com os alunos e o resultado da coleta de dados com as fontes orais foi cotejado com os estudos de Luís da Câmara Cascudo relativos às tradições das cantigas de roda no Brasil. Presentes nas experiências de vida e na memória afetiva de diferentes gerações, essas canções foram recuperadas e associadas a conteúdos curriculares de História dos anos finais do Ensino Fundamental, bem como apresentou as experiências de vida dos alunos. Tomadas como fontes para a produção de composições autorais, assentadas em estruturas melódicas e temas tradicionais, as cantigas serviram como elemento de abordagem de temas também da história local. Como instrumento de mediação de aprendizagem, foi produzido um EP audiovisual, com vídeos de versões de músicas tradicionais populares presentes na memória coletiva, sendo utilizado em aulas com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Ensino de História. Memória Coletiva. Cantigas de roda. Cultura popular.

ABSTRACT

The present research has as its object the nursery rhymes as an expression of collective memory and aims to investigate how the songs and their variants, present in the social memory of students of the 6th year of Elementary School in the city of Medeiros Neto, Bahia, can be used as mediation instruments in History classes in Elementary School II. Taking the theoretical and methodological assumptions of Cultural History as a reference, the songs are approached from the concepts of popular culture, according to the propositions of Peter Burke, Roger Chartier, Robert Darnton and collective memory by Maurice Halbwachs. The survey of the sources was carried out through activities such as interviews, reports made in the classroom with the students and the result of the data collection with the oral sources was compared with the studies of Luís da Câmara Cascudo concerning the traditions of the nursery rhymes. in Brazil. Present in the life experiences and affective memory of different generations, these songs were recovered and associated with curricular contents of History of the final years of Elementary School, as well as presenting the life experiences of the students. Taken as sources for the production of authorial compositions, based on melodic structures and traditional themes, the songs served as an element of approaching themes of local history as well. As a learning mediation instrument, an audiovisual EP was produced, with video clips of versions of popular traditional songs present in the collective memory, being used in classes with students in the final years of Elementary School.

Keywords: History Teaching. Collective Memory. Wheel songs. Popular culture.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	NA RODA DA RUA RODAVAM AS CRIANÇAS: CANTIGAS, INFÂNCIA E CULTURA POPULAR DÃO AS MÃOS	16
2.1	Cantigas de roda: cultura popular e infância entram na roda.....	17
3	VAMOS TODOS CIRANDAR: CANTIGAS DE RODA NAS AULAS DE HISTÓRIA E SEU POTENCIAL PEDAGÓGICO	26
3.1	História oral: o método histórico biográfico.....	28
3.2	Cantigas de roda em sala de aula: dinâmica e metodologia.....	29
3.3	O que cantam e onde cirandam as crianças? Presente e passado na mesma roda.....	34
3.4	Somos todos sujeitos históricos! Estudantes e seus avós no centro dessa roda.....	40
3.5	Se essa rua fosse minha: lugares e fontes históricas.....	44
3.6	Cante sua história: releitura de cantigas de roda.....	47
4	EP AUDIOVISUAL CIRANDAS DA MEMÓRIA: PRODUTO, DIFUSÃO E APLICAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA	53
4.1	EP audiovisual: prelúdios.....	55
4.2	Processo criativo e concepções visuais do EP Cirandas da Memória.....	59
4.3	Cirandas da memória: produção, difusão e aplicação no ensino.....	70
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	75

1 Introdução

Iniciei minha graduação em História no ano de 2011. Há 10 anos atrás estava me deslocando semanalmente para a cidade vizinha de Teixeira de Freitas, Sul da Bahia, para cursar História numa faculdade semipresencial. Desde a adolescência já me identificava com esse campo de conhecimento pela possibilidade de compreender os textos e contextos históricos, além de minha predileção pela área das ciências humanas.

Na faculdade veio a consolidação de que os ofícios de historiador e de professor de História era o que eu queria exercer, bem como o interesse pela área de Ensino de História. Vi nesse campo de conhecimento uma rica gama de possibilidades com as quais não tive o contato enquanto aluno dos Ensinos Fundamental e Médio. Propus como meta exercer a profissão de professor de História a partir de uma abordagem metodológica que proporcionasse aos alunos diferentes e diversas experiências de aprendizagem.

Logo após a graduação, iniciei uma especialização em Metodologias do Ensino em História para aprofundar meus conhecimentos na área em que tanto me identifiquei. Porém, o sonho de atuar na minha área de formação não veio de imediato. Lecionei durante os anos de 2012 a 2016 a disciplina de Física no colégio estadual Polivalente de Itanhém, em minha cidade natal em regime contratual.

Apesar de feliz por estar empregado, o que não é a realidade de muitos jovens brasileiros, não me sentia profissionalmente realizado, pois não trabalhava na minha área de formação. Nesse entretanto conheci, através de pesquisas na internet, o PROFHISTÓRIA, um mestrado profissional em Ensino de História, e vi nele a possibilidade de me qualificar na profissão escolhida. Tentei duas vezes a seleção para o Profhistória na cidade de Salvador. A primeira tentativa aconteceu no ano de 2016, ano em que fui aprovado no concurso público para professor de História do Ensino Fundamental II em Medeiros Neto, Bahia, cidade vizinha onde nasci e moro, enfim trabalharia na minha área de formação.

Assim que li o documento a respeito das universidades que teriam o programa, e vi que a UESB ofereceria o curso, me enchi de alegria, e entendi que este era o meu momento. Meu sonho em cursar este tão sonhado mestrado estava a 412 quilômetros de distância. Enfim, a aprovação no mestrado aconteceu no ano de 2019 em que prestei a seletiva na UESB em Vitória da Conquista, Bahia.

A construção da temática da pesquisa aconteceu de forma gradativa durante o curso. Iniciei o mestrado com ideias de pesquisa sobre o ensino das civilizações antigas

para as turmas do sexto e uma elaboração de um jogo didático como produto. Tenho uma relação afetiva com esse ciclo. Sempre trabalhei com as turmas do 6º ano desde 2016, houve anos em que lecionava apenas para os sextos e sétimos anos. O contato com alunos desta faixa etária, a sede pela aprendizagem, a energia e a curiosidade dos pré-adolescentes fizeram com que eu direcionasse minha pesquisa a essa turma.

Porém, a temática das civilizações antigas foi dando espaço para sua própria civilização, para o ensino da história local e o jogo foi acrescido de música, se transformando em cantigas de roda. O desejo por trabalhar com a temática musical parte também do meu outro ofício. Sou músico e compositor.

Em se tratando do Profhist/Uesb, considero a disciplina de História local e, nesta, a aula da professora Elisabeth Silva determinantes para fundamentação da minha temática. Enquanto professor, sempre incluo músicas ou faço algum jogo para mediar o ensino, e em uma conversa com a professora Elisabeth, após sua aula sobre o uso pedagógico dos recursos lúdicos, percebemos nas cantigas de rodas a junção dessas duas possibilidades.

O trabalho com cantigas também reside na minha memória afetiva. Minha infância foi envolta de poesias e cantigas que ouvia minha vó contar e cantar. Me recordo das noites em que eu e meus primos nos assentávamos enquanto ouvíamos atentos as estórias musicadas da minha vó. Não consigo dissociar as cantigas da minha formação pessoal e profissional.

Uma das minhas motivações também por essa temática é o fato de ser músico e compositor. Desde 2018 lanço canções autorais no Youtube e demais plataformas musicais. Tenho seis canções autorais interpretadas por mim, uma canção interpretada por uma cantora paulista e uma interpretada pelo grupo musical catarinense Nossa Toca. Já trabalhei com os produtores musicais Leandro Rodrigues, de São Paulo, Giba Moojen de Santa Catarina e Jhensson Sousa do Espírito Santo.

O objetivo é intensificar e incentivar o uso de cantigas de roda, enquanto memória coletiva, nas aulas de história no ensino fundamental II. O trabalho com a memória possibilita que novas narrativas sejam acrescentadas à historiografia, além de trazer fontes de ensino-aprendizagem históricas.

O que se pode perceber é que há uma certa concentração historiográfica em torno da relação entre cantigas de roda e educação infantil. Historiografia produzida, sobretudo, na área da Educação e não da História. O trabalho de Elaine Gebrim de Farias (2013), por exemplo, cujo título é “As cantigas e brincadeiras de roda como instrumento pedagógico

na alfabetização”, indaga de que forma as cantigas e brincadeiras de roda podem contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças na pré-alfabetização. A abordagem metodológica utilizada pela autora consiste em pesquisa bibliográfica, observação de campo na Rede Municipal de Educação de Água Fria de Goiás e entrevistas semi-estruturadas com o objetivo de ouvir a opinião de professores e alunos sobre a importância do brincar, dentro da educação infantil.

As cantigas de roda na Educação Infantil é tema recorrente ainda na graduação, sobretudo na área da pedagogia. Maria do Socorro L. dos Santos, em sua monografia na Graduação em Pedagogia no ano de 2009 pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) aborda a temática da “Cultura popular e a sua relação com as cantigas de roda”. Já Mariana da Silva (2013), também estudante de Pedagogia, investigou quais, onde e como aparecem as cantigas de roda nos relatórios, artigos e memoriais produzidos na disciplina de estágio supervisionado e obrigatório da Educação Infantil, do curso de Pedagogia, do Centro de Ciências da Educação (CED) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no período de 1988 a 2013. Para tal, realizou um mapeamento dos documentos produzidos pelas alunas estagiárias e disponíveis na Coordenação dos Estágios do Departamento de Metodologia de Ensino (CED/UFSC). Elaine de Oliveira, em 2009, produziu uma monografia intitulada “A importância das cantigas de roda no processo ensino-aprendizagem da educação infantil”. A pesquisa foi motivada por uma problematização relativa à importância desses recursos para o processo ensino-aprendizagem de crianças nessa fase do processo educativo. A investigação objetivou de forma geral, favorecer a compreensão do papel exercido pelas cantigas de rodas no desenvolvimento cognitivo das crianças da Educação Infantil.

Em recente trabalho de conclusão de curso de especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Maria Cristina Alves Pena da Silva (2019) abordou a temática “Música na Educação Infantil: cantigas de roda e as interações das crianças”. A pesquisa consistiu em um plano de ação realizado na EMEI Piratininga, localizada na rua Altinópolis, no bairro Piratininga, Belo Horizonte, Minas Gerais e objetivou perceber como a música, especificamente as cantigas de roda, contribuem na interação social das crianças da educação infantil da EMEI Piratininga, valorizando as cantigas de roda e o seu favorecimento social entre as crianças e o ambiente da escola. Ana Sória Carneiro de Souza (2012), então graduanda da Universidade Federal do Amazonas, em pesquisa de Iniciação Científica denominada “Cantigas de roda: em busca de vestígios culturais”,

resgatou as cantigas de roda enquanto elemento fundamental em uma educação intercultural, baseando-se em estudos sobre “o papel da brincadeira para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança” e a “brincadeira e o jogo sob a ótica dos pensadores da teoria histórico-cultural”.

Também em eventos científicos o tema das cantigas de roda circunscreve-se na maioria das vezes à Educação Infantil. No VII Congresso Nacional de Educação, Mírian Moreira Lira (2020), mestre em Ensino, apresentou a comunicação “Reencantando a infância com as cantigas de roda”, que tem como objetivo compreender o processo de ensino através das cantigas de roda, enfatizando a importância da ludicidade. A base teórica da pesquisa buscou nos textos disponíveis os conceitos de cantigas de roda que possibilitasse possível refletir acerca da importância da ludicidade no Educação Infantil.

Em programas de mestrado, não é diferente e, mais uma vez, a relação entre cantigas de roda e educação infantil se sobressai. Benedita do Socorro Matos Santos, em seu mestrado em Ciências da Educação pela Universidade de Évora, no ano de 2010, traz a temática “Cantigas de Roda: o Resgate Popular na Formação Sócio-Cultural do Aluno”. A escola utilizada como campo de investigação foi a Creche Nossa Senhora Rainha da Paz, localizada no Município de Santana-AP, que atua na modalidade da Educação Infantil.

“Cantigas de roda em tempos de alta modernidade: Representações Sociais dos docentes e dos pais de alunos das Escolas do Campo em Chapadinha (MA)” é uma dissertação de Raimunda Nonata Fortes Braga (2013) no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté. A pesquisa exploratória e descritiva orienta-se por um plano que reúne como instrumentos de coleta de dados as entrevistas semi-estruturadas com os professores, os encontros com os grupos focais dos pais de alunos, previamente marcados e organizados de acordo com suas disponibilidades de tempo e de espaço, bem como a análise dos documentos oficiais que estabelecem os saberes a serem trabalhados nos 1º e 2º anos do ensino fundamental das Escolas do Campo.

“As cantigas de roda na creche jardim felicidade – cenário vivo para o “exercício do olhar” – um estudo autoetnográfico”, é uma dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Musical da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais do pesquisador Marco Aurélio Cardoso de Souza (2011). Sua pesquisa sobre as cantigas de roda e suas implicações na educação infantil são a gênese dessa dissertação, nascida da experiência de onze anos dedicados ao ensino da música na Creche

Comunitária Jardim Felicidade, região norte de Belo Horizonte.

No que tange o Ensino Fundamental II, as pesquisadoras Marinalva Pereira dos Santos Reis e Cleusa Erilene dos Santos Cacione (2013), produziram um artigo intitulado “Resgate e produção de cantigas de roda em Prado Ferreira – PR: quem canta a tradição traz amor no coração”. De acordo com o artigo, as atividades relatadas foram realizadas no Colégio Estadual Júlia Wanderley com alunos do 6º e 7º ano no município de Prado Ferreira- região norte do Estado do Paraná, aos quais foi proposto o resgate cultural das Cantigas de Roda, e posterior produção de inéditas. Esta é, da revisão bibliográfica feita, a única abordagem que traz alguma semelhança com o proposto nesta dissertação.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Na roda da rua rodavam as crianças: Cantigas, infância e cultura popular dão as mãos”, inicia demarcando os locais em que esta pesquisa foi vivida, onde as memórias foram construídas. Com base na bibliografia técnica especializada foi feita uma revisão crítica de estudos e debates recentes sobre cantigas de roda, ancorado em Luís da Câmara Cascudo. Tomando por referência os pressupostos teóricos da História Cultural, ressaltando as contribuições de Peter Burke, como também outros historiadores culturais como Roger Chartier e Robert Darnton, foram contemplados, na abordagem teórico-crítica, os conceitos de cultura popular. O capítulo aborda também a História da Infância e é baseado nos estudos de Mary del Priori.

No segundo capítulo intitulado, “Vamos todos cirandar: Cantigas de Roda nas aulas de História e seu potencial pedagógico” foram apresentadas, inicialmente, a metodologia de pesquisa, norteadas pela História Oral, e também as propostas de ação e produção de soluções mediadoras de aprendizagem que possam vir a contribuir para a mobilização da memória coletiva, mediante a pesquisa e utilização de cantigas de roda em salas de aulas de História. Neste capítulo está exposta um pouco da história da Escola Municipal Professora Iêda Alves de Oliveira, locus da pesquisa. Foram apresentados o relato das aulas e todo o material produzido a respeito das cantigas presentes no imaginário dos alunos, dialogando com o conceito de Memória Coletiva de Maurice Halbwachs (1990), bem como as possibilidades pedagógicas dessas cantigas associadas a conteúdos iniciais do sexto ano.

No terceiro capítulo, denominado “EP audiovisual: Cirandas da memória. produto, difusão e aplicação no ensino de história”, abordamos o processo criativo desse trabalho: as inspirações para a composição das músicas, como pensamos o processo visual e as pessoas envolvidas na construção do mesmo. Deixamos claro, nesse capítulo,

onde estará disponível esse EP e como ele pode ser um suporte para o professor.

Em relação ao produto, a ideia foi elaborar um trabalho que contemplasse tanto as memórias e vivências dos alunos como as minhas próprias memórias, tendo como base as cantigas de roda. Em relação às minhas memórias, foi produzido um ep audiovisual inspirado nas cantigas de roda. O ep é composto por 6 músicas que abordam temas e memórias locais, bem como, minhas vivências enquanto professor de História. Além de professor sou músico e compositor, então quero aproveitar essa afinidade que tenho para a produção desse material. Considero a produção desse ep muito relevante tanto como um material pedagógico como um material que registra a cultura e tradição da minha cidade, bem como minhas vivências.

Cada canção foi inspirada em uma cantiga de roda, tendo sua releitura presente na letra e/ou melodia. Outro aspecto que considero relevante nesse produto é o seu poder de alcance. A cada dia, o ensino de História tem ganhado espaço público em plataformas digitais. A criação de um ep audiovisual possibilita que esse conhecimento apreendido seja visto e ouvido em um maior número de plataformas possíveis como Youtube, Spotify, Deezer, entre outros. Além de possibilitar que uma produção que conta e canta memórias e histórias de uma cidade do interior da Bahia alcance todo território nacional e internacional. Professores da cidade poderão utilizar em sala de aula abordando os conteúdos, bem como professores de todo território nacional poderão ouvir, aprender, aplicar e se inspirar.

2. Na roda da rua rodavam as crianças: cantigas, infância e cultura popular dão as mãos

A cultura popular brasileira é extremamente rica. Ela é marcada por diferentes manifestações artísticas com suas expressões e formas, que variam de região para região. Dentre tantas expressões da cultura popular, as cantigas de roda é o objeto de estudo desta dissertação.

As cantigas de roda são um marco na infância. Elas são músicas com letras simples, marcadas por alegorias, cheias de rimas. As cantigas marcam o brincar e envolvem um grupo de crianças que cantarolam e dançam enquanto suas mãos estão dadas formando uma roda.

“O sapo não lava o pé”, “Pirulito que bate-bate”, “O cravo e a rosa”, entre outras cantigas fazem parte da vivência e convivência dos brasileiros. De sul a norte do país, nas grandes capitais ou nos interiores, as cantigas de roda estão presentes. Apesar da presença em todo território nacional, estas possuem variantes regionais, fazendo com que determinadas expressões e palavras mudem de acordo a localidade.

A musicalidade presente nas cantigas de roda é simples, mas não rasa. As notas musicais são sempre repetitivas porque a linha melódica é constante. As letras são simples e na maioria das vezes tratam da fauna e flora. Outra temática muito presente na musicalidade das cantigas de roda são os relacionamentos de amor, amizade, familiar.

As cantigas de roda são expressões da cultura popular e estão presentes nos diversos meios sociais e culturais. Este elemento da cultura popular demarca vivências, convivências e memórias da infância, e mesmo que seja silenciado no cotidiano, à medida que o ser humano cresce e se desenvolve, as cantigas populares não são apagadas, pois as residem e resistem na memória coletiva. É de suma importância manter resguardadas as tradições que fizeram e fazem parte das gerações passadas, e que graças a transmissão oral, mantêm-se vivas.

Por fazer parte do cenário da infância, encontramos inúmeros trabalhos de pesquisa sobre o uso das cantigas de roda no processo de alfabetização e educação infantil, em contrapartida não há trabalhos acadêmicos que problematizam as cantigas de roda e o ensino de História no segundo ciclo do Ensino Fundamental.

Devido o seu caráter interdisciplinar, as cantigas de roda presentes na memória e trajetória de cada indivíduo possuem um grande potencial pedagógico. Ensinar por meio das cantigas de roda é proporcionar uma interação entre diversos campos de

conhecimento como a Música, Jogo, Arte, Educação Física, Língua Portuguesa como também História. Além da interdisciplinaridade, a ludicidade é outro aspecto característico das cantigas de roda, tornando-a um potencial aporte pedagógico nas aulas de História do Ensino Fundamental II.

A presente dissertação é relevante porque propõe o envolvimento de estudantes no processo de recuperação da memória coletiva, expressa por meio das cantigas, e como elas podem favorecer na afirmação dos alunos como sujeitos da história, tendo suas trajetórias no centro das discussões em sala de aula. Além disso, contribuindo também com o ensino e a aprendizagem de conteúdos curriculares que podem ser abordados a partir dessas cantigas e de suas variantes.

Levando em consideração tais questões, essa dissertação procura abordar como as cantigas de roda presentes na vivência e convivência dos alunos de 6º ano podem ser utilizadas como instrumentos de mediação para o ensino de História no Ensino Fundamental II. Esta questão é o fio condutor desta pesquisa, cuja hipótese é a de que as cantigas de roda, que fazem parte das experiências de vida e da memória afetiva dos alunos, podem ser recuperadas e utilizadas em metodologias voltadas para o ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental.

2.1 Cantigas de roda: cultura popular e infância entram na roda

Dança infantil, de roda, vulgaríssima no Brasil e vinda de Portugal, onde é bailado de adultos. [...] Música e letra são em maior porcentagem, portuguesas, e uma das rondas permanentes, na literatura oral brasileira, atestando a velha observação de que as cantigas infantis são as mais difíceis de renovação por que as crianças permanecem conservadoras, repetindo as fases de cultura peculiares a esse ciclo cronológico (CASCUDO, 2012, p. 208).

Assim é a definição de Ciranda por Cascudo (2012). As cantigas de roda, também chamadas de brincadeiras de roda, são expressões da nossa cultura. “Seja a Ciranda, cirandinha, ou qualquer outra, todas essas cantigas estão vivas na nossa memória, em doce recordação, quando as ouvimos nos brinquedos dos nossos filhos.” (CASCUDO, 2012, p. 617). As cantigas de roda fazem parte do nosso desenvolvimento, portanto a investigação dessa temática é tão relevante, e trazê-la para o contexto escolar é potencializar seu papel de formação humana.

Conceituando as rodas infantis, Cascudo (2012, p. 617) nos informa que “as rodas infantis guardam em geral a forma lusitana, com que chegaram aqui, embora variadas e

deformadas”. É importante destacarmos a diversidade cultural que há em nosso país, o que faz com que as cantigas de roda possuam tantas variações, resultantes de encontros entre lugares, culturas e saberes.

O Brasil um país pluriétnico e multicultural e tem uma literatura oral densa e rica, constituída de um acervo lúdico e extraordinário que atravessa gerações. Assim sendo, os contos, as canções, as cantigas, as fábulas, as parlendas, as adivinhas, os provérbios, os mitos e as estórias de trancoso que povoam o imaginário desses povos, geram múltiplas concepções de mundo que formam a identidade cultural desta nação. (BRAGA, 2013, p. 78).

Braga (2013) nos chama a atenção para uma temática muito relevante. As cantigas de roda como um instrumento da formação da identidade cultural de um povo. E, dialogando com a pesquisadora Avani Souza Silva (2020), que investiga as narrativas orais dos países africanos de língua portuguesa, podemos perceber em seu trabalho “Cantigas que embalam a infância no Brasil e em Cabo Verde”, como as cantigas de roda proporcionam consolidação da identidade cultural.

Passamos a focar as cantigas populares infantis do universo cultural de cabo Verde que tanto encantam as crianças e contribuem para o fortalecimento da identidade cultural crioula. O arquipélago de Cabo Verde, devido a sua posição privilegiada no Atlântico, entre África e a América, servindo, por isso, de posto de abastecimento de navios que se destinavam à América, a África e a Europa, foi atacado diversas vezes por piratas. Dizem até Sir Francis Drake, o mais famoso pirata inglês, aportou ao largo do Arquipélago. Decorrentes desses fatos históricos, de investidas de corsários, surgiram algumas lendas em Cabo Verde, e especialmente uma canção que acompanha uma brincadeira infantil, chamada “Capitão Farel” (SILVA, 2020, p. 8).

Podemos compreender que esta cantiga, assim como tantas outras, presentes em nosso imaginário ou no imaginário cabo-verdiano, são resultados de fatos históricos reinterpretados pelas cantigas presente na memória coletiva de um grupo. As cantigas de roda dizem muito sobre costumes, tradições, singularidades, o que os configura como povo. Mais do que desenvolver sociabilidades, as cantigas de roda revelam o que fomos ou somos, nossa identidade.

No entanto, a simples presença das cantigas populares na vida das crianças, seja no âmbito escolar (mesmo que seja restrita ao recreio), quanto nos âmbitos familiar e comunitário, é muito importante para o convívio e equilíbrios sociais, pois condutoras de ludicidade, fortalecem laços afetivos e identitários, aprimoram a memória

individual e coletiva e promovem bons sentimentos, como a Literatura. E, além disso, são importantes fontes de formação e fortalecimento da identidade cultural. (SILVA, 2020, p. 12).

Uma das características das cantigas de roda é ter em sua musicalidade, letras que são repetitivas, o que desenvolve a capacidade de memorização. “As rimas são importantes recursos mnemônicos para as crianças, e estão presentes nas narrativas orais quanto nas cantigas. São heranças da oralidade.” (SILVA, 2020, p. 7) Sobre o recurso mnemônico das cantigas, Gaspar (2006) salienta que “as cantigas possuem uma letra fácil de memorizar, sendo formada por rimas e repetições que prendem a atenção das crianças, de modo que estimula a imaginação e a memória da criança”

Gaspar (2006) ao conceituar as cantigas de roda, informa que:

Canções populares, que estão diretamente relacionadas com a brincadeira de roda. Essas brincadeiras são feitas, formando grupos de crianças, geralmente de mãos dadas, que cantam as letras da canção que tem suas próprias características, geralmente ligadas à cultura daquele local. Também são conhecidas como cirandas, e representam os costumes, as crenças, o cotidiano das pessoas, a fauna, a flora, culinária, dentre outros aspectos de um lugar. (GASPAR, 2006).

Com base nas leituras, podemos constatar que nossas cantigas populares, apesar da origem lusitana, como destacou Cascudo (2012) apontado acima, recebeu influência de diversas culturas como africana, indígena, espanhola, francesa, dentre outras nacionalidades. Cascudo (2012, p. 616) diz que “danças de roda eram conhecidas pelos indígenas. Portugueses e africanos trouxeram as suas”.

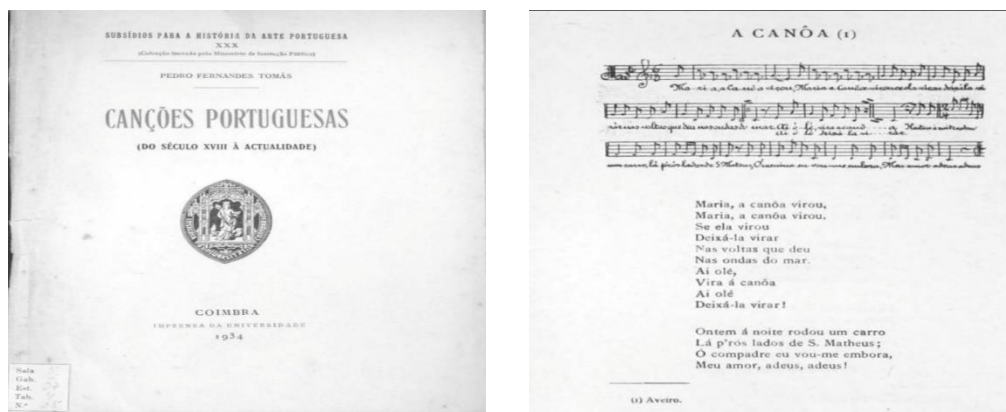
Além disso, salientamos dois fundamentos para a afirmação acima. O primeiro, remete às origens. Cantigas como “Ciranda, cirandinha”, “A canoa virou”, “Capelinha de Melão”, entre outras são de origem portuguesas.

Ao conceituar o termo capela, Cascudo (2012) destaca trechos da cantiga de roda “Capelinha de melão” classificada como religiosa. Ele evidencia também como povos indígenas abraçavam as tradições e festejos lusitanos.

É este o nome que se dá aos grupos de foliões dos festejos populares sanjoanescos, ornados de capelas de folhagens, marchando em grupos, em demanda do milagroso banho e de volta, em animadoras passeatas. Os seus cânticos obedecem sempre a tradicionais versos de estribilho: “Capelinha de melão/ É de São João/ É de cravo, é de rosa,/ de manjerição”. “Os índios acudiam a todos os festejos dos portugueses com muita vontade, escreve Frei Vicente do Salvador em 1624. (CASCUDO, 2012, p. 172).

No livro “Canções Portuguesas: Do século XVIII à actualidade” do etnógrafo e etnomusicólogo português Pedro Fernandes Tomás (1934) no capítulo intitulado “Danças de roda e descantes” está registrado em letra e partitura uma famosa cantiga de roda conhecida popularmente como “A canoa virou” conforme a imagem abaixo. Além dela, está registrado a letra e partitura de “A Ciranda” e “O Alecrim”, muito presente em nossas memórias de infância.

IMAGEM 1 – A CANOA VIROU



Fonte: Tomás, p. 85, 1934

De acordo a pesquisadora Avani Souza Silva (2020) a origem da cantiga “Escravos de Jó” é africana.

Outras cantigas do universo infantil cabo-verdiano estão também presentes no universo infantil brasileiro e português, em razão das trocas culturais no período colonial, como a cantiga de roda “Escravos de Jó”. Outras mais estão presentes no universo português das cantigas de roda, de onde foram levadas para o Arquipélago de Cabo Verde e também para o Brasil. (SILVA, 2020, p. 10).

O segundo fundamento é quando analisamos etimologicamente muitas palavras presentes nas letras dessas canções. De acordo o Dicionário Online de Português, Itororó significa pequena cachoeira ou queda d’água. Sua origem é do Tupi Do tupi *ĩ* ('água', 'rio') + tupi *toro'ro* ('ruidoso', 'barulhento'). Ainda sobre palavras de origem Tupi, Lopes (2018) destaca que:

Caxangá tem vários significados, mas nada de jogo. Pode ser um crustáceo (parecido com um siri), um chapéu usado por marinheiros, e há até uma definição indígena: segundo o Dicionário Tupi-Guarani-Português, de Francisco da Silveira Bueno, caxangá vem de caá-çangá, que significa “mata extensa”. (LOPES, 2018).

Diante desses apontamentos, endossamos com a afirmação de Veríssimo de Melo (1985) quando ele diz que:

Influências de várias culturas, principalmente lusitana, africana, ameríndia, espanhola e francesa plasmaram de tal sorte a contextura dessa cantiga infantil, que hoje não é fácil precisar, cientificamente, onde começa a influência lusitana ou termina a africana ou indígena. (MELO, 1985, p. 166).

Conforme Souza (2012, p. 36) “na literatura encontramos cantigas de roda classificadas em cinco grupos, a saber: Amorosas, Satíricas, Imitativas, Religiosas e Dramáticas”. Dentre essas classificações, algumas cantigas carregam questões que precisam ser refletidas e problematizadas. Hoje, muitas canções têm tido suas letras reformuladas, por evocar temáticas sensíveis para nossa sociedade.

Uma delas é a cantiga “Atirei o pau no gato”. Muitas escolas e músicas infantis têm cantado “Não atire o pau no gato, por que o gato é nosso amigo”. Apesar da infantilidade e ingenuidade de muitas cantigas, e, acreditar que muitas cantigas não tem o objetivo de formar pessoas violentas, a cantiga acima citada fomenta e endossa um comportamento hostil.

Outra canção que fomenta a hostilidade é Samba lelê. Em uma de suas versões diz que “Sambalelê precisava é de umas boas palmadas”. De acordo Souza (2012, p. 36) “a cantiga de roda “Sambalelê” era, originalmente, uma manifestação dos negros com relação às suas vidas nas senzalas. Posteriormente, foram incorporados novos elementos de outras culturas, resultando nas versões atualmente conhecidas”.

Apesar de algumas temáticas controversas, as cantigas de roda retratam nosso Brasil, tão diverso, tão polifônico e multicultural. E, sendo as cantigas de roda uma manifestação da nossa cultura, temos como aporte teórico as contribuições dos estudos da História Cultural. Com o passar do tempo, a História cultural vem ganhando espaço e projeção, tendo a década de setenta como um período de redescoberta como escreveu Peter Burke (2005). A partir de então, há um crescente interesse nos estudos dos fenômenos históricos interpretados pela ótica cultural.

Inicialmente é importante compreendermos o conceito de cultura, posto não ser um conceito simples. O termo foi ganhando novos significados à medida em que os anos se passavam. Hoje utilizamos cultura para definirmos práticas, ideias, crenças, fazendo com que esta terminologia abarque uma série de representações.

De acordo o Dicionário Michaelis, entende-se por cultura com um conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social. Este conceito é antropológico, e Peter Burke apresenta um conceito de um antropólogo que responde algumas questões da história cultural.

[...] outro antropólogo, Edward Taylor, apresentou uma definição semelhante de cultura “tomada em seu sentido etnográfico amplo”, como “o todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (BURKE, 2005, p. 43).

Sendo a cultura um conceito amplo, o que é de fato história cultural? O que ela estuda? Burke (2005) enfatiza que “está ficando cada vez mais difícil dizer exatamente o que elas encerram”. Com a ampliação do conceito de cultura, fica o questionamento dos limites que há nos objetos de estudo da História Cultural.

Não há uma única definição para o que seja História Cultural, assim como não há uma unanimidade quanto à sua abordagem. Como escreveu Peter Burke, para alguns ela pode parecer confusa como para outros ela pode parecer estimulante. Apesar das divergências e convergências, o campo da história cultural é um terreno propício para compreensão da temática das cantigas de roda, como expressão da memória de um povo, com seus símbolos, representações e significado. Sobre os símbolos, Burke (2005) enfatiza que “o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Símbolos, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana.”

Um diálogo possível entre o campo da História cultural e a temática desse projeto são as contribuições para os estudos sobre a cultura popular. A história da cultura popular será considerada por Peter Burke como a terceira fase da História Cultural, ocorrida na década de 1960.

A ideia de “cultura popular” ou *Volkskultur* se originou no mesmo lugar e momento que a de “história cultural”: na Alemanha no final do século XVIII. Canções e contos populares, danças, rituais, artes e ofícios foram redescobertos pelos intelectuais de classe média na época. No entanto, a história da cultura popular foi deixada aos amantes de antiguidades, folcloristas e antropólogos. Só na década de 1960 um grupo de historiadores acadêmicos passou a estudá-la. (BURKE, 2005, p. 29).

Observamos que produções a respeito da cultura popular foram a base da pesquisa de diversas áreas de conhecimento. O que pode ser constatado quando do processo de pesquisa para elaboração dessa dissertação sobre cantigas de roda e ensino de história. Os estudos e pesquisas realizados por sociólogos e antropólogos são infinitamente superiores aos realizados por historiadores, e a bibliografia encontrada refere-se majoritariamente ao ensino infantil e não ao Ensino Fundamental.

É relevante contribuir para a historiografia e o ensino de história em que a cultura tenha holofotes e as pessoas tenham vozes. Que suas histórias sejam contadas, que suas memórias sejam revisitadas, escritas e valorizadas.

Dentro do campo da História Cultural, amparamos essa pesquisa nos estudos da escola francesa, representados por Roger Chartier e Robert Darnton.

Como podemos observar, encerrar o conceito de cultura popular em uma única definição não é uma tarefa simples. Aliás, o conceito de “cultura” e “popular” não se esgotam em si mesmos e sofreram – e ainda sofrem - modificações com o passar do tempo. Nem mesmo o conceito de música popular, em que as cantigas de roda podem ser consideradas há um consenso entre seus estudiosos.

Apesar dos embates, percebemos a história cultural como um campo que, sabendo dessas transformações, estuda e contempla todas elas. Quando recorremos a história cultural através da ótica de Roger Chartier, e como ele construiu esse diálogo entre as práticas e as representações, encontramos um campo profícuo para nossas discussões.

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. (CHARTIER, 2002, p. 16, 17).

O objeto citado por Chartier entra em consonância com essa pesquisa, quando propomos investigar quais cantigas de roda estão presente no imaginário dos alunos do sexto ano. Mais do que questionar “quais”, o como, o porquê, também permeiam essa pesquisa. Como as crianças pensam e leem as cantigas de roda hoje em confronto como gerações passadas pensavam e viviam?

Contos infantis nos ajudam a compreender sobre as práticas e representações de determinadas sociedades. Robert Darnton (2021) em seu livro “O grande massacre de gatos” no primeiro capítulo intitulado “Histórias que os camponeses contam: o

significado de Mamãe Ganso.” nos fornece informações valiosas em que as clássicas histórias infantis “para os historiadores, parece dizer algo sobre o universo mental dos camponeses, no início dos tempos modernos” (DARTON, 2021, p. 22)

O autor aponta como histórias do imaginário popular foram reformuladas para atender demandas de diferentes classes da sociedade. De como essas transformações, sejam elas literárias ou geográficas, dificultava detectar as origens desses contos. Darton aponta que para a compreensão desses contos, os historiadores precisam “segurar-se firme em duas disciplinas: a antropologia e o folclore”. (DARTON, 2021, p. 29)

Com base na leitura dessa bibliografia, posso relacionar com a prática dessa pesquisa encontrando um lugar muito comum. Durante as aulas de Teoria da História, ministrada pela professora doutora Isnara Pereira Ivo, ela salientou a importância de pesquisarmos sobre “nossa aldeia”. Pesquisar sobre nossa aldeia é olhar para nosso cotidiano, para o corriqueiro, mas que nos permite uma compreensão panorâmica de um espaço-tempo maior. Darnton (2021) destaca que:

O próprio senso comum é uma elaboração social da realidade, que varia de cultura para cultura. Longe de ser a invenção arbitrária de uma imaginação coletiva, expressa a base comum de uma determinada ordem social. Portanto, para reconstruir a maneira como os camponeses viam o mundo, nos tempos do Antigo Regime, é preciso começar perguntando o que tinham em comum, que experiências partilhavam, na vida cotidiana de suas aldeias. (DARNTON, 2021, p. 39)

Contos de fada e cantigas de roda fazem parte do imaginário de nossas crianças. Contos de fada inspiraram a composição de cantigas de roda. Souza (2012) aponta que “A Bela adormecida” - muito presente na obra de Darnton – inspirou a cantiga de roda “A rosa juvenil”, muito conhecida nas brincadeiras infantis. Estas manifestações da cultura popular influenciam e constroem mentalidades.

Os apontamentos feitos por Darnton, em *O grande massacre de gatos*, estimula essa pesquisa no sentido de que os contos presentes no Antigo Regime são observados pela mesma ótica das cantigas de roda presentes nessa pesquisa. Tradição oral, influência e sincretismo de culturas, apagamentos e também continuidades, as reproduções fidedignas, os encontros e desencontros dos contos em diferentes espaços e lugares são observados nesse processo de trabalho com cantigas de roda.

E pensar sobre as cirandas, é pensar sobre infâncias. No plural. Por que existem muitas infâncias em nosso Brasil. Muitas abastadas, outras marginalizadas, muitas escondidas. Mary del Priore (2010) nos apresenta essa realidade.

As crianças brasileiras estão em toda parte. Nas ruas, à saída das escolas, nas praças, nas praias. Sabemos que seu destino é variado. Há aquelas que estudam, as que trabalham, as que cheiram cola, as que brincam, as que roubam. Há aquelas que são amadas e, outras, simplesmente usadas. (PRIORE, 2010, p. 3)

Diante dessa pluralidade de infâncias, precisamos olhar com muita atenção para a trajetória das crianças no Brasil para não incorrer no erro de homogeneizá-las. “Papel em branco”, “mini adulto”, “tábula rasa”, durante muito tempo as crianças foram vistas com um olhar carregado de conceitos, preconceitos, estigmas, paradigmas que precisam ser problematizados. Priore nos ajuda a ter um olhar atento para as crianças quando a mesma aponta que “numa sociedade desigual e marcada por transformações culturais, teremos recepcionado, ao longo do tempo, nossas crianças da mesma forma?” (PRIORE, 2010, p. 8)

Essa pesquisa propõe uma reflexão sobre memórias, cultura popular, cantigas, mas sobre tudo sobre a criança. O palco é ocupado por crianças do sexto ano do Ensino Fundamental, que vivenciaram uma situação de pandemia, que tiveram a última experiência em sala de aula quando estavam no terceiro ano, caminharam por um ensino remoto, e dois anos após estavam em uma sala de aula no Ensino Fundamental.

São crianças com bagagem, histórias, textos, contextos. São crianças que ainda enxergam o professor como um “tio”. Crianças que estão reaprendendo a estar em sala de aula, a conviver com o novo. Crianças que estão aprendendo História e se reconhecendo como sujeitos que constroem a História. História feita por crianças.

3. Vamos todos cirandar: cantigas de roda nas aulas de História e seu potencial pedagógico

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Professora Iêda Alves de Oliveira na cidade de Medeiros Neto¹ - Bahia. Com base na leitura do Projeto Político Pedagógico, a história do colégio foi escrita com base na memória coletiva de alguns moradores da cidade de Medeiros Neto e trabalhadores da educação. O local onde hoje funciona a escola era um terreno pertencente a já extinta Fundação Alvorada, que tinha iniciado uma construção neste local para o funcionamento do Ginásio Comercial Alvorada. Contudo os planos não foram consumados, o referido colégio continuou a funcionar no prédio do Colégio Estadual Deolisano Rodrigues de Sousa (pertencente ao Estado, mas que havia cedido à citada associação), a construção ficou abandonada e o bem foi vendido.

Em 14 de julho de 1978 foi realizada a compra do supracitado imóvel, situado à Rua da Matriz, no bairro Esperança pelo prefeito da época Sr, Adegundes Serapião de Souza. Foram construídas cinco salas de aula que, inicialmente, serviram como anexo do Ginásio João XXIII².

Em 1990, as salas foram desmembradas do Ginásio João XXIII e, em março do mesmo ano, o então prefeito Adalberto Alves Pinto inaugurou a Escola Municipal de 1º Grau Professora Iêda Alves de Oliveira, em homenagem a professora Iêda Alves de Oliveira que havia trabalhado na educação em Medeiros Neto por vários anos e falecido em 1987.

Um ponto a ser ressaltado sobre a escola, é de que ela se tornou uma escola inclusiva oficialmente desde o ano de 2010. A Escola Municipal Professora Iêda Alves de Oliveira é um espaço de acolhimento que recebe anualmente alunos com necessidades especiais, ofertando um ensino de qualidade e um ambiente de interação. Em 2019 foi implantado o Sistema Colégio da Polícia Militar – SCPM.

Realizamos esta pesquisa com as turmas do 6º ano matutino da Escola Municipal Professora Iêda Alves de Oliveira. Somam 69 alunos, sendo 34 alunos do 6º ano A e 35 alunos do 6º ano B. Consideramos importante essa pesquisa com turmas do sexto ano,

¹ Medeiros Neto é um município brasileiro do Estado da Bahia criado em 1958. Seu nome é uma homenagem ao senador alcobacense Antônio Garcia de Medeiros Neto (1887-1948). Segundo dados do IBGE, possui uma área territorial de 1.311,739 km², dados de 2020, e uma população estimada em 22.741 pessoas, dados de 2021.

² O município de Medeiros Neto possui duas escolas de Ensino Fundamental II, a Escola Municipal Professora Iêda Alves de Oliveira e o Ginásio João XXIII

pois como afirma Cabrini (2004) “é na 5ª série que o aluno começa a se iniciar no estudo da História”. Sabendo isto, é de suma importância que os alunos tenham um contato com um ensino de história significativo logo nos anos iniciais do Ensino Fundamental.³

De acordo Guimarães (2011) “o professor no exercício cotidiano de seu ofício, incorpora noções, representações, linguagens do mundo vivido fora da escola, na família, no trabalho, nos espaços de lazer, na mídia etc.” O aluno ao chegar no ambiente escolar já carrega consigo bagagens construídas das suas relações sociais. O ensino de História não pode estar dissociado das experiências dos alunos, pois “a formação do aluno/cidadão se inicia e se processa ao longo de sua vida nos diversos espaços de vivência.” (GUIMARÃES, 2011, p. 164).

O diálogo entre ensino e as formas não escolares de ensino são necessárias. Fonseca e Silva (2010) apontam que “é necessário destacar o peso e a importância do ensino não escolar, representado por diferentes linguagens artísticas (Literatura, Teatro, Cinema, Música etc.)”. Observando esta afirmativa, endossamos as cantigas de roda como um agente na construção do conhecimento histórico.

Ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de história, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re)construirmos nosso conceito de ensino e aprendizagem. (GUIMARÃES, 2011, p. 164).

A proposta da pesquisa com os alunos teve como objetivo conhecer as cantigas de roda que estão em seu imaginário, enxergando-as como uma forma dos alunos interpretarem o mundo, suas relações consigo e com o outro, valorizando suas experiências, amplificando suas vozes, bem como tratar as cantigas como um instrumento pedagógico na aprendizagem de conteúdos iniciais de História como produção do conhecimento histórico, fonte histórica, sujeito histórico, compreensão da noção do tempo, entre outros conteúdos.

É importante considerarmos o que alunos compreendem por cantigas de rodas, quais destas fizeram parte da sua vivência, quais as representações que estas cantigas implicam na sua vida.

[...] o objeto de estudo na 5ª série parte da realidade mais próxima do aluno, não somente porque ele tem dificuldade em lidar com o tempo,

³ De acordo a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, o Ensino Fundamental foi ampliado para nove anos de duração, com a matrícula de crianças de seis anos de idade. Cabrini utiliza o termo “5ª série” por que a publicação da sua obra foi anterior a referida lei.

mas sobretudo porque queremos aproveitar o seu conhecimento, sua experiência de vida. Entendemos por realidade mais próxima do aluno tudo que está ligado a sua própria experiência de vida [...]. (CABRINI, 2004, p. 38)

3.1 História oral: o método histórico biográfico

Um traço muito presente nas cantigas de roda é a oralidade. Pensemos na tradição oral como mantenedora da cultura popular. Muitas expressões de nossa cultura resistem porque a transmissão oral fez com que estas não caíssem no esquecimento ou no descrédito. A tradição oral faz com que a cultura permaneça viva, salvaguardando os saberes, preservando os costumes.

Quando observamos as civilizações antigas, ou nossos povos originários, percebemos que suas tradições, seus costumes, e valores permanecem firmes porque as gerações mais antigas ensinam as gerações mais novas, o mesmo ocorre com as cantigas de roda. Aprendemos na infância canções que nossos pais e avôs ouviram e nos ensinaram. Presentes na memória afetiva e coletiva de nossa sociedade.

Sendo assim, esta dissertação é fruto de pesquisa qualitativa, tendo como método a História Oral. De acordo Cano (2012), “no trabalho com a memória, a fonte oral tem sido primordial pela articulação que possibilita entre a História e o cotidiano”.

Cano (2012) ainda aponta que “a história oral trata justamente da subjetividade, da memória, do discurso e do diálogo. Seu caráter plural está no fato de se possibilitar a compreensão de múltiplas abordagens sobre a verdade histórica.”

A História Oral como aporte metodológico norteou a pesquisa, visto que a base desse trabalho está na escuta dos alunos da cidade de Medeiros Neto, Bahia, a respeito das cantigas de roda presentes em seu imaginário. Conhecer a história de vida desses estudantes, bem como dos seus familiares por meio das cantigas que estes atores sociais escutavam foram a matéria-prima dessa dissertação.

Brodbeck (2012, p. 69) nos instrui que “o trabalho com atividades que resgatam a história pessoal e do grupo de convívio dos alunos conduz à construção de identidades e à compreensão das relações humanas e sociais ao seu redor”. Com base nessa afirmação, buscamos dentro do vasto campo da História Oral o método histórico biográfico para ancorar essa pesquisa.

Nesse sentido, a abordagem biográfica atende a especificidades e exigências da pesquisa qualitativa, oferecendo caminhos para a exploração dos fenômenos pesquisados. Nessa perspectiva, utilizam-se memórias, diários, memoriais, autobiografias, relato de vida, história de

vida e história oral de vida, como procedimentos metodológicos de coleta de dados. O uso desta metodologia possibilita um processo de formação do próprio investigado. Este se torna, ao mesmo tempo, pesquisador e pesquisado na investigação. (SILVA et al, 2016, p. 05).

A pesquisa se constrói à medida que ouvimos os alunos, lemos as entrevistas com seus familiares a respeito não apenas das cantigas que estes ouviam, mas em quais contextos estavam inseridos. O trabalho com entrevistas realizadas pelos próprios alunos foi fundamental.

As atividades que recorrem a conversas e entrevistas são importantes, pois auxiliam no conhecimento da história um dos outros, no diálogo com a família e com as pessoas mais velhas, levando assim à percepção da história de vida e das memórias (BRODBECK, 2016, p. 50).

A abordagem biográfica permite o desenvolvimento da empatia entre os alunos. Cada aluno é uma colcha de retalhos com memórias que os tornam únicos. Cada história é única e precisa ser valorizada. Por ser um trabalho marcado por afetos, o trabalho com entrevistas precisa de muita atenção e cuidado, como afirma Brodbeck (2012):

Ao encaminhar as entrevistas é importante que o professor esteja atento e leve em consideração a diversidade cultural e social das experiências dos alunos e dos entrevistados (que podem variar em função do grupo familiar e de convívio). As entrevistas podem ser uma boa oportunidade para os alunos perceberem que existem diferentes formas de compreender uma mesma realidade, estabelecendo um confronto entre os pontos de vista. (BRODBECK, 2016, p. 50).

3.2 Cantigas de roda em sala de aula: dinâmica e metodologia

Apesar de a Ciranda estar presente entre nós, em diferentes modalidades, o conhecimento de suas raízes tem sido pouco disseminado, pelos escassos estudos acadêmicos dedicados ao tema e pela deterioração que sua prática tem sofrido nos espaços escolares. O seu resgate como raiz da cultura brasileira, que movimenta corpos, mentes e corações dos que dela participam, é fundamental em uma sociedade de consumo, como resistência a um possível anestesiamiento dos sentidos e crítica dos sujeitos. (LOUREIRO; LIMA, 2018, p. 408).

Com base no apontamento feito por Loureiro e Lima, compreendemos o quão relevante é o trabalho com as cantigas de roda, não apenas pelos aspectos lúdicos ou socioafetivos inerentes a esta manifestação popular, mas por ser um recurso potente no trabalho do professor de História em sala de aula.

As cantigas de roda em sala de aula podem ser aplicadas como um objeto de estudo, em que professor e alunos, investigam como as diferentes sociedades brincavam e cantavam, aguçando o olhar e curiosidade dos discentes. Ou as cantigas podem ser fontes, que serão interpretadas, analisadas, problematizadas a partir das cantigas de infância. O trabalho com cantigas de roda tende a ser muito vasto a medida que o professor descobre como estas refletem a pluralidade do nosso povo, que canta e conta a mesma cantiga de tantas forma. Por isso, “o estudo sobre Ciranda constitui-se numa contribuição para a reflexão e construção da identidade cultural brasileira” (LOUREIRO; LIMA, p. 2018, p. 408).

Sendo assim, iniciamos a aula com as boas-vindas às turmas. Após uma conversa inicial fizemos alguns questionamentos para os alunos, com o intuito de identificar quais conhecimentos prévios eles possuem sobre a disciplina História e a temática das cantigas de roda.

As cantigas de roda atuarão como mediadores desse processo de ensino-aprendizagem da História. E, para a compreensão do conceito de mediação, usamos como suporte teórico as análises feitas por Medrano e Oliveira (2019) sobre Vygostky (1991) e Masetto (2006)

Vygostky entende que toda relação ela é mediada e que nesse processo estão presentes os instrumentos e signos. Instrumentos tem a função de auxiliar nossas ações em relação ao mundo, já os signos são construídos culturalmente, e auxiliam na interação entre os indivíduos.

É por meio de signos e instrumentos, construídos culturalmente, que ocorrem o acolhimento, a inserção, o aprendizado e a possibilidade de desenvolvimento dos indivíduos. Assim, vale afirmar que os signos e os instrumentos permitem as relações entre os sujeitos e por isso são considerados elementos de mediação. Não esqueça que, para Vygotsky (1991), todas as relações são mediadas. (MEDRANO, OLIVEIRA, 2019, p. 4)

E nessa relação de mediação, Vygotsky propõe a existência de uma Zona de Desenvolvimento Proximal e como, num contexto educacional, o professor estabelece o papel de mediador entre aquilo que o aluno sabe, das suas experiências, e aquilo que ele ainda não sabe.

O ser humano é um ser social. É mediante a interação com a sociedade, com os instrumentos e signos que este se apropria da cultura e das experiências vivenciadas por cada um, essa apropriação do conhecimento é o que chamamos de aprendizagem.

Embora seres sociais, somos também singulares. Possuímos peculiaridades que nos diferenciam dos demais, e percebemos essas singularidades na infância. A criança apropria-se das significações do meio social, internaliza-as formando sua própria compreensão do mundo, mediante a interação com adultos e/ou crianças mais experientes.

Sendo assim, observa-se que existem capacidades, habilidades que a criança consegue fazer sozinha, porém, há outras habilidades que dependem da mediação, como outrora havia escrito, de um adulto. Esta distância entre o que a criança sabe fazer sozinha e o que precisa de ajuda é chamada de ZDP: Zona de Desenvolvimento Proximal.

Mas qual a relação entre a aprendizagem e a ZDP? A resposta é a presença preponderante do professor. Ele é responsável para detectar a Zona de Desenvolvimento Proximal, e, uma vez detectada, o professor trabalhará segundo as necessidades do aluno.

Assim, como podemos aplicar este conceito nas aulas de História a partir da utilização de cantigas de roda? As cantigas de roda podem ser um suporte pedagógico que diminua a distância entre aquilo que os alunos experienciaram por meio das cantigas, suas memórias e aquilo que eles ainda não sabem, que pode ser os conteúdos do currículo de História. As cantigas de roda atuarão no processo de mediação pedagógica. Masetto (2006) define mediação pedagógica da seguinte forma:

Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem – não uma ponte estática, mas uma ponte “rolante”, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos. (MASETTO, 2006, p. 144, 145).

No processo de mediação pedagógica o professor não é o detentor absoluto do conhecimento, antes de tudo ele compreender que o saber acontece em diferentes formas e espaços, e as crianças possuem saberes acumulados que levam para sala de aula. A História como disciplina escolar já lhes é comum, visto que eles têm contato a partir do 3º ano do Ensino Infantil, e as cantigas de roda fazem parte da sua vivência. Portanto, procurar saber o que os alunos entendem por História e o que se pode aprender por meio de cantigas de roda são procedimentos fundamentais para introduzir as cantigas de roda como recurso para o ensino de História nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Masetto (2006) reforça que:

É a forma de se apresentar e tratar um conteúdo ou tema que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-

las, discuti-las, debatê-las com seus colegas, com o professor e com outras pessoas (interaprendizagem), até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para ele, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela. (MASSETO, 2006, p. 145).

Faz-se necessário anotar e compartilhar as respostas dos estudantes, pois, como destaca Cabrini (2004), “é básico na 5ª série, que estimule o aluno a desenvolver a expressão oral e escrita”

O objetivo desses procedimentos iniciais em sala de aula é o de identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre as temáticas acima citadas e proporcionar a reflexão dos discentes a respeito das diversas possibilidades metodológicas de se aprender História, e que as cantigas de roda é um caminho a ser percorrido.

Com base nas respostas dos alunos, podemos fazer algumas inferências. Decerto, alguns alunos não conseguirão formular uma resposta tanto para a primeira pergunta como para a segunda. Todavia, analisando cuidadosamente, perceberemos dois caminhos. Para muitos estudantes de 6º ano, a História está intimamente ligada ao passado. É comum no exercício da docência com os alunos desta série observarmos o atrelamento de palavras como passado, antigo, antepassado, com a disciplina História. Ao realizar essa atividade em sala de aula observamos bastante respostas como “A História nos ajuda a perceber as ligações existentes entre passado e presente”, “São coisas antigas”, “É como se eu tivesse no passado”, “Conhecimento do passado do mundo”, “Saber tudo do passado dos antepassados”.

Sobre a percepção do tempo, Cabrini afirma que:

Em geral para um aluno de 5ª série (mesmo que nem sempre tão jovem), pode-se dizer que quase tudo o que não aconteceu agora, aconteceu “antigamente”; essa noção de “antigamente” é muito ampla, englobando, numa percepção caótica e egocêntrica, a sua vida e a de toda humanidade, desde o seu dia anterior até os “tempos das cavernas”, “tempos antes de Cristo”, “tempos dos índios” etc. (CABRINI, 2004, p. 38).

Outra percepção da História para os alunos do 6º ano é a estreita relação com a sua própria vida e a vida dos outros, logo a História é tudo! Destacamos quatro respostas dos estudantes: a História como “tudo aquilo que a gente vive”, “um pouco da nossa vida diária”, “é conhecer a História de outros ou a sua própria história” e “história pra mim é vida, por que história está em tudo”.

Sobre o ensino de História Cabrini (2004) faz a seguinte proposição: “que o objeto de estudo na 5ª série parta da realidade mais próxima do aluno”. E, algo inerente a formação das crianças são as brincadeiras que estes tiveram contato, sendo uma delas as cantigas de roda, o que nos levou o segundo questionamento, a saber: É possível aprender História através das cantigas roda?

Analisando as respostas dos alunos, além daqueles que responderam de forma simples com um “sim” ou “não sei”, apontamos quatro razões pelas quais as cantigas de roda são uma forma de aprender História.

Uma possibilidade apontada pelos alunos é a questão cultural. Para determinados discentes, as cantigas de roda contam e cantam sobre culturas antigas, e apontam uma diversidade regional. Outro apontamento destacado pelos alunos é pela questão musical. Alguns discentes compreendem que por meio da música se aprende História. Sobre o ensino de História e a música Cano (2012) diz que “existem diversas cantigas de roda que compõem o imaginário popular, e ainda hoje são ensinadas às crianças, já na primeira infância.”

Outro caminho apontado pelos alunos é o do reconhecimento das cantigas de roda como parte da História, que apresenta fatos e conteúdos históricos. A cantiga de roda para muitos alunos do sexto ano é história ou contém história. E, para robustecer a visão dos alunos sobre as cantigas de roda é necessário destacar a sua possibilidade na aprendizagem da História, isto é, a sua relação intrínseca com a vivência dos alunos.

O que se pode perceber na aplicação da atividade foi que muitos alunos, ao responder ao questionamento sobre o que é História e sobre o aprendizado da história a partir de cantigas de roda, olharam para si e para o seu entorno e identificaram as cirandas como algo que faz parte da sua vida. Algumas respostas atestam essa afirmativa quando lemos frases como “é a minha infância”, “são histórias vividas por nós”, “parte das nossas vidas”, “conhecimento da nossa história”, “conteúdo relacionado às pessoas.” Efetivamente, as cantigas de roda estão ligadas à realidade dos alunos.

[...] Entendemos por realidade mais próxima do aluno tudo que está ligado à sua própria experiência de vida, que tem a ver com o que ele sente, pensa, sabe, se interessa, se preocupa etc., e que está marcado profundamente pela experiência do meio cultural que o envolve, dos grupos sociais nos quais ele está inserido (CABRINI, 2004, p. 39).

O ensino de História por meio das cantigas de roda, tem como objetivo conhecer as cantigas de roda presentes nas experiências de vida desses alunos. Cada um com sua

singularidade e identidade, trazem consigo uma bagagem de histórias que foi alvo dessa pesquisa. Ainda aportados em Cabrini (2004) “acreditamos que tratar um conteúdo vinculado à realidade do aluno permitirá mais facilmente se chegar com ele ao conhecimento concreto do objeto, à sua descoberta, ou seja, apreendê-lo em seu movimento, em suas contradições.”

3.3 O que cantam e onde cirandam as crianças? Presente e passado na mesma roda

Uma vez conhecida as impressões dos alunos sobre a História e como podemos usar as cantigas de roda em sala de aula, partimos para o conhecimento de quais cantigas fizeram parte das vivências dos estudantes, quais locais eles escutavam e quem as cantava.

Foi distribuída uma atividade impressa intitulada “Cantigas de Roda e minha infância” contendo 03 perguntas: Quais cantigas de roda você mais ouvia? Em qual ou quais lugares você escutava as cantigas? Quem cantava essas cantigas de roda para você?

Durante a aula, foi perceptível a dificuldade dos estudantes em se lembrar das cantigas de roda, alguns pediram a explicação da definição, rememorando assim essa parte musical da sua vida. Analisando a primeira pergunta, podemos constatar que a cantiga que os alunos dos sextos mais ouviam e cantavam era Ciranda Cirandinha, a mais citada por eles.

Sobre esse esquecimento, Cascudo (2012) relata:

Numerosas são as nossas cantigas de roda, várias delas dançadas, em passos mínimos. Hoje já muitas caíram no esquecimento, mas nelas têm perdurado, através do tempo, numa constância que não tem tido as outras modalidades populares, as expressões originárias, a despeito de serem cantadas, metidas uma dentro das outras, e com as mais curiosas deformações das letras, pela própria inconsciência com que são proferidas as palavras pelas bocas infantis (CASCUDO, 2012, p. 617).

Para chamar a atenção deles, anotei o nome Ciranda cirandinha no quadro antes de ouvir as respostas, o que os deixou muito surpresos. A conversa girou em torno do fato de que apesar de cada um ter sua vivência, suas experiências, estarem imersos em contextos diferentes, terem nascido em locais diferentes e/ou distantes, todos temos em nossa memória, cotidianos que nos aproximam.

Como Ciranda Cirandinha é uma canção que faz parte do imaginário de tantos alunos? Como uma cantiga consegue ser tão singular e plural? Como uma turma tão

heterogênea consegue lembrar da mesma canção? Questionamentos como este foram levados para sala de aula, provocando uma reflexão sobre como a nossa memória individual está atrelada a memória coletiva.

A memória individual sempre estará conectada à memória de um grupo (memória coletiva), uma vez que o indivíduo não faz suas reflexões baseadas somente em seu próprio referencial, mas em diálogo com outros indivíduos que participam do mesmo grupo que ele (CANO, 2012, p. 81).

Halbwachs propõe essa relação entre nossa memória pessoal, que ele também chama de memória autobiográfica, e a memória social também denominada de memória histórica. Segundo Halbwachs (1990) “a primeira se apoiaria na segunda, pois toda história da nossa vida faz parte da história em geral”. Refletir sobre essa afirmação faz com que pensemos nas memórias destes estudantes como aporte para história, valorizando suas experiências preservadas pela memória e agora compartilhadas com seus colegas.

Uma vez identificada a cantiga de roda Ciranda Cirandinha como a principal cantiga de roda presente na memória individual e coletiva dos alunos, foi apresentada para eles o contexto histórico dessa cantiga. Ciranda Cirandinha é uma cantiga de origem portuguesa e remonta as colheitas de azeitona.

Com a ciranda, as mulheres escolhem a azeitona, depois de largada a terra e as folhas. É um dos símbolos da apanha, apanho ou apanhamento da azeitona. Tem acento especial nas cantigas alusivas dessa quadra agrícola. No frio agreste dos olivais da serra ou da aragem crestante do Sul, aqueles cantares das ceifas são agora mais cristalinos, mais dulcificados na atmosfera húmida (VASCONCELLOS, 1927, p. 47,48).

De acordo com Vasconcellos (1927) “a canção é lenta e de tonalidade suave, com uma melodia ondulada que volta e revolta ao princípio”.

Ó ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar;
Lá no campo da azeitona,
Anda a ciranda no ar.

Explorando essa curiosidade em sala de aula, o que os chamou muita atenção, dialogamos como uma cantiga atravessou o oceano chegando em sua cidade, bem como sua casa e história. Como é característico das cantigas de roda, é perceptível que as

mesmas sofreram adaptações culturais ao longo do tempo. A popular Ciranda Cirandinha é uma cantiga de roda amorosa e mais festiva do que a original lusitana.

Algumas outras cantigas foram citadas pelos alunos, não tão expressivamente, mas alguns recordaram de atirei o pau no gato, pirulito que bate-bate, escravos de Jó, a canoa virou, pai Francisco, borboletinha.

Identificando as cantigas que permeiam o imaginário dos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, buscamos identificar quais os espaços em que eles escutavam as cantigas de roda. Obtivemos três espaços em que as cantigas de roda estão presentes e fazem parte da memória destes estudantes, a saber sua casa, sua escola e os aparelhos eletrônicos.

As cantigas de roda fazem parte do ambiente familiar. Principalmente quando se trata dos mais velhos. As gerações mais antigas embalam a infância com suas canções que são passadas de geração em geração. E na família, as cantigas centram-se na figura do avô e avó. Halbwachs (1990) enfatiza que “a criança também está em contato com seus avós, e através deles é até um passado ainda mais remoto que ela recua”.

Muitos alunos destacaram seus avós como portadores dessas canções, que passaram para os seus pais e estas chegaram até eles. Ao se tratar do ambiente familiar, é salutar evidenciar o contexto rural de parte desses alunos. É na fazenda, em uma roda com a família que essas canções são entoadas, marcando a infância, construindo memórias.

Nas sociedades rurais, diz Marc Bloch, acontece com muita frequência que, durante o dia, enquanto pai e mãe estão ocupados nos campos ou com inúmeros trabalhos de casa, os pequenos são confiados à guarda dos “velhos”, e é destes, e mais do que de seus familiares mais próximos, que as crianças recebem o legado dos costumes e tradições de toda espécie. (HALBWACHS, 1990, p. 65).

Ainda aportado em Halbwachs, em sua discussão sobre a história vivida a partir da infância, percebemos como essa interação entre as diferentes gerações provoca essa sensação de pertencimento a um tempo distante que se torna tão seu, afinal “entrando na casa de seu avô, chegando em seu bairro ou na cidade onde mora, penetra numa região diferente, e que, no entanto, não lhe é estranha por que se amolda muito bem à sua imagem” (HALBAWACHS, 1990, p. 66).

Envolvidos pelas cantigas entoadas nas noites de lua cheia, na fazenda ou na sala de estar, os alunos criam suas memórias e constroem suas identidades. Outro espaço em

que os estudantes escutavam as cantigas de roda é a escola por meio de seus professores. O espaço escolar é um local em que as cantigas de roda são ensinadas para promover interação entre os alunos, desenvolvimento de afetividades e promoção de atividades lúdicas.

Muito tem se pensado sobre o uso de cantigas de roda na educação infantil. Atestamos essa afirmação pela quantidade de pesquisas nos repositórios sobre cantigas de roda no ensino infantil, bem como a documentação que versa sobre o mesmo.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) destaca que:

Ouvir músicas, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brincadeiras rítmicas, jogos de mãos etc. são atividades que além de despertar, estimular e desenvolver gosto pela atividade musical, também atendem as necessidades de comunicação e expressão da criança, passando pela esfera afetiva, estética e cognitiva, assim oferece ao sujeito a possibilidade de vivenciar e refletir sobre questões diversas do cotidiano, num exercício sensível e expressivo propiciando o desenvolvimento de habilidades, de formação de hipóteses e de elaboração de conceitos (RCNEI, 1998, p. 48).

A pesquisadora Maria Cristina Alves Pena da Silva, em seu trabalho sobre música na Educação Infantil, destaca como as cantigas de roda podem promover interações entre as crianças. Silva (2019) relata que “quando as crianças brincam com as cantigas de roda, elas se deparam com diversos conteúdos culturais e se apropriam deles, dando significados.”

As cantigas de roda diretamente relacionadas às brincadeiras de rodas na prática pedagógica oportunizam um ambiente prazeroso para o desenvolvimento das múltiplas linguagens e possibilitam o convívio em grupo estimulando a cooperação, o desenvolvimento da consciência corporal, a ampliação do repertório musical entre outros (SILVA, 2019, p. 14).

As cantigas de roda estão intimamente ligadas ao processo educacional infantil. As professoras, ou melhor, “as tias”, são uma das principais responsáveis por eternizar as cantigas na memória desses alunos.

Porém, uma resposta que marcou o questionário com os alunos no que tange a escuta das cantigas de roda, não foi no espaço familiar ou escolar, o que considero espaços cercados por afetividade e pessoal, mas nos meios tecnológicos.

A escuta e aprendizagem das cantigas de roda para essa geração se dá através dos celulares, tablets, smartvts entre outros aparelhos tecnológicos. Canais infantis em

plataformas como o Youtube, ou as novelas infantis transmitidas principalmente em serviços de streaming, cuja trilha sonora são cantigas de roda, são os novos transmissores desse conteúdo do cancioneiro popular.

Analisando os conteúdos infantis, percebemos como as crianças são consumidores de conteúdos que carregam em seu bojo cantigas de roda. Presente no Youtube e em outras plataformas, a Galinha Pintadinha é um projeto infantil criado pelos produtores Juliano Prado e Marcos Luporini no ano de 2006. Além de canções autorais, o canal da Galinha Pintadinha também apresenta com seus personagens e videocliques as mais diversas e populares cantigas de roda. De acordo o site oficial, ultrapassou a cantora Rihanna no número de vídeos com mais de 100 milhões de visualizações no Youtube em 2018 e foi a primeira artista mais ouvida nas plataformas digitais de consumo musical.

Outros dados apontam que figurou entre os 10 maiores canais brasileiros no Youtube ocupando a oitava posição com 29,9 milhões de inscritos. Além disso, ocupa a terceira posição nos canais brasileiros com mais visualizações num total de 21 bilhões de visualizações.

Outro produto infantil muito consumido são as novelas. A teledramaturgia tem investido muito no público infanto-juvenil. “Carinha de Anjo” telenovela produzida pelo Sistema Brasileiro de Televisão, contém na sua trilha sonora as populares cantigas de roda, que são entoadas nos intervalos das cenas. Presente também nas plataformas de streaming, esta novela infantil figura durante anos entre as 10 produções mais assistidas da plataforma Netflix.

Priore (2010) diz que:

Não é à toa que o comércio e a indústria de produtos infantis vêm aumentando progressivamente sua participação na economia, assim como a educação primária e o combate à mortalidade infantil tornam-se temas permanentes da política nacional. O bem-estar e o aprimoramento das relações entre pais e filhos são assuntos constantes de psicólogos, sociólogos, psicanalistas, enfim, de especialistas, que além de produzirem uma contribuição inédita para uma melhor inserção da criança na sociedade do ano 2000, veiculam seus conhecimentos em revistas e teses, propondo uma nova ética para a infância (PRIORE, 2010, p. 3)

Percebemos que o acesso do público infantil aos meios tecnológicos ultimamente são cada vez mais frequentes. Presenciamos uma geração que desde os primeiros anos aprende as funcionalidades dos aparelhos digitais. Crianças são entretidas, expostas e até mesmo educadas pelas tecnologias. O acesso as tecnologias permitem uma situação dúbia

em relação as cantigas: se por um lado as crianças têm aprendido as cantigas de roda, por outro elas têm esquecido ou não vivenciado as experiências relacionais e afetivas que estas proporcionam como dar as mãos e interagir com os colegas.

No entanto, percebe-se que com a presença e o acesso cada vez mais cedo das crianças às novas tecnologias e mídias digitais, as crianças vem se distanciando cada vez mais das possibilidades de interação e aprendizagens possíveis a partir das cantigas e brincadeiras de rodas. Deste modo, o trabalho com as cantigas de roda se torna tema relevante no contexto da educação infantil, visto que as cantigas de roda oferecem diversas possibilidades de aprendizagem e propiciam às crianças atividades lúdicas que promovem de forma prazerosa o desenvolvimento integral de suas habilidades. (SILVA, 2019, p. 13).

Essa relação entre as tecnologias e as cantigas mostram como estas são aprendidas e apreendidas por essa geração, em contrapartida, denuncia também como a transmissão oral desses saberes estão sendo abandonados, uma vez que “hoje em dia, elas não são tão presentes na realidade como antigamente devido às tecnologias existentes como computadores, celulares, tablets, entre outras tecnologias”. (CASCUDO, 2001, p. 102)

Em vista disso, apontamos assim como as tecnologias distanciam as crianças das cantigas de roda como uma experiência de troca com o outro. Família e escola são espaços humanizados, cheios de afetividade, diferente das mídias digitais, que até mantém no imaginário das crianças as cantigas, mas não lhes oportuniza viver as experiências da coletividade.

Costa et al (2018) dissertando sobre a importância das cantigas de roda como instrumento de aprendizagem na educação infantil evidencia que:

No entanto, durante o seu desenvolvimento as crianças tem sido afastadas deste contexto de aprendizagem, tendo em vista o fácil acesso as brincadeiras e brinquedos totalmente tecnológicos, os mesmos tem acesso computadores, tablets, celulares desde muito cedo. Por isso a escola vem trabalhando seus conteúdos com o auxílio das novas tecnologias, com base no crescente número de crianças que passam a maior parte do tempo em frente de um computador e a televisão, esquecendo-se de brincar e cantar em sua infância (COSTA, 2018, p. 4,5).

Embora imersos na tecnologia, é necessário um trabalho de retomada dessas cantigas com os estudantes em sala de aula, aliando com as potencialidades das mídias digitais. Sendo assim, foi pensado a produção de um ep audiovisual em que as crianças estudarão conteúdos históricos dialogando com as cantigas de roda em sala de aula.

3.4 Somos todos sujeitos históricos! Estudantes e seus avós no centro dessa roda

O trabalho com cantigas de roda em sala de aula possibilitou uma interação com a família. Primeiro por propor aos alunos que entrevistassem seus pais a fim de conhecer quais as cantigas eles escutavam quando eram criança. Foi um momento muito divertido. A historiadora Carmen Gil (2012) escreveu que “os alunos precisam perceber como sua vida está relacionada à vida dos pais, dos avós, dos colegas, por exemplo.”

É importante que estas atividades de pesquisa oral ou entrevistas sejam orientadas e que, para os alunos dos 6º. e 7º. anos, o universo investigado seja aquele mais próximo aos alunos, com entrevistas aos familiares e pessoas do seu convívio. (BRODBECK, 2012, p. 50).

Através dessa entrevista, estabelecemos uma análise comparativa entre as cantigas que os alunos escutam e a que os pais escutavam, observando continuidades e rupturas. Podemos inferir que muitas cantigas das vivências dos pais e avós são as mesmas cantigas que hoje as turmas do 6º ano ouvem. Esse espaço de temporalidade evidencia como as tradições orais são responsáveis pela manutenção desses saberes. As cantigas de roda são transmitidas por meios das gerações, resistindo ao tempo e ao espaço.

Os estudantes compartilharam as canções que seus pais ouviam, e estas canções também eram comuns a eles. A turma do 6º ano A, ao citar cada canção, cantava em uníssono a cantiga.

Isso mostra uma continuidade das cantigas de roda. As canções que seus pais ouviam, são as mesmas que eles ouvem. Algumas poucas são diferentes. Estas cantigas atravessaram gerações. As poucas canções que eles compartilharam na primeira aula, se contrastou com a ampliação de repertório que eles trouxeram mediante a conversa com os pais.

Além do conhecimento obtido através desse trabalho de resgate da memória e do conceito de interpretação de fatos, o professor pode comentar sobre a importância das vivências em família e de como elas podem variar no tempo e entre os grupos humanos, auxiliando. (BRODBECK, 2012, p. 50).

Conhecendo então as cantigas de seus pais, após um diálogo com os alunos, foi apresentado uma cantiga de roda muito popular, o “Alecrim Dourado”. Perguntando a eles se todos conheciam, a resposta foi positiva. Cantada essa canção para eles, que foi

aplaudida por esses entusiasmados estudantes, comentei sobre o contexto dessa música.

Sobre a cantiga “Alecrim dourado”, explicamos que essa cantiga é uma versão de uma cantiga portuguesa chamada “Alecrim aos molhos”. Diferente de “nosso alecrim”, “alecrim aos molhos” é uma cantiga de lamento, de tristeza, cuja letra é assim:

*Alecrim, alecrim aos molhos
Por causa de ti choram os meus olhos
Alecrim, alecrim aos molhos
Por causa de ti choram os meus olhos
Ai meu amor, quem te disse a ti
Que a flor do monte
Era o alecrim*

Conversamos que muitas cantigas chegaram em nosso país oriundas de outros lugares, e que estas sofrem modificações geográficas, ou na sua estrutura melódica e poética. Por isso, podemos conhecer inúmeras versões de uma mesma cantiga.

Após cantarmos e conversarmos sobre o contexto dessa canção popular, apresentei aos estudantes Estelita Ferreira de Novaes, minha avó. Como apresentado nesse trabalho anteriormente, minha avó é uma das inspirações e motivações dessa temática e inspirou a canção cantada para os alunos, que faz uma releitura da cantiga de roda “Alecrim dourado” chamada “Foi meu amor que me disse”- canção detalhada na próxima seção - baseada nas memórias que minha avó me contou.

Minha avó, popularmente conhecida Dona Ester, é uma senhora de 79 anos. Mãe de 7 filhos, viveu sua infância na roça, carregando balaios em sua cabeça, indo no rio, abrindo porteiras. A história de vida da minha vó é importante. A História é construída por Estelitas. Conversamos com os alunos sobre o reconhecimento que precisamos dar para nossas histórias de vida, dos nossos pais, dos nossos avós.

Compartilhar a história da minha vó foi um método utilizado para estudarmos um conceito inicial do ensino de história que são os sujeitos históricos. Repensar esse conceito além dos mitos, heróis presentes na História oficializada. Direcionar o olhar dos alunos fazendo-os enxergar como sujeitos históricos, bem como seus familiares foi o objetivo da aula. A história também é feita por crianças do sexto ano do Ensino fundamental

Perceber a complexidade das relações sociais presentes no cotidiano e na organização social mais ampla implica indagar qual o lugar que o indivíduo ocupa na trama da História e como são construídas as identidades pessoais e as sociais, em dimensão temporal. O sujeito histórico, que se configura na interrelação complexa, duradoura e contraditória entre as identidades sociais e as pessoais, é o verdadeiro construtor da História. Assim, é necessário acentuar que a trama da História não é o resultado apenas da ação de figuras de destaque, consagradas pelos interesses explicativos de grupos, mas sim a construção consciente/inconsciente, paulatina e imperceptível de todos os agentes sociais, individuais ou coletivos (BEZERRA, 2015, p. 45).

Conhecer a história de seus avós é tão importante quanto conhecer a história dos impérios ou grandes civilizações, assuntos que estão presentes no currículo do 6º ano. E assim, iniciamos a aprendizagem em História, partindo do que lhes é próximo, sua história de vida, tendo como fundamento o método histórico biográfico.

Sendo assim, uma vez apresentada minha vó, com suas memórias relatadas na releitura da cantiga de roda, foi proposta aos alunos uma entrevista com seus avós, intitulada “Meus avós são um sujeito histórico”. Nessa entrevista eles conversaram com seus avós, visitando seu passado, suas memórias, um passeio na sua história de vida.

As histórias de seus avós que foram levadas para a aula posterior se assemelhavam com da minha avó. Muitas vivências se confundiam com as vividas por Dona Ester e tantas outras avós das turmas. Ressaltamos que muitos alunos não têm seus avós por perto, o que fizeram suas entrevistas com seus pais.

Dentre algumas entrevistas, destacamos quatro relatos. Os nomes dos alunos e das avós são fictícios, e foram inspirados em personagens de cantigas de roda. Um destes relatos é da aluna Terezinha de Jesus:

Minha vó quando era criança ajudava sua mãe nos afazeres de casa, carregava água na cabeça, estudava, brincava, participava da igreja, brincava de boneca de pano, cantigas de roda, ex: boi da cara preta, ciranda cirandinha, se esta rua fosse minha, etc.

Valentim compartilhou um pouco da história da sua avó e as cantigas que ela ouvia

O nome da minha avó é Dona Chica. Ela quando era pequena suas brincadeiras favoritas eram: Peteca, pula corda, bonecas de pano e as cantigas que ouvia em sua casa ou na rua. Suas cantigas preferidas são: Os escravos de Jó, se essa rua fosse minha e alecrim dourado. Ouvia muito em sua infância. Na época da minha avó não máquina de lavar roupas, então ela ia com sua irmã Rosa lavar

suas roupas no rio. Gostava de tomar banho em represas. Junto com sua vizinhança fazia as melhores pamonhas na sua época. Minha avó gosta bastante de fazer: canjica, biscoito na gordura e pirão. Como dizia meu avô minha avó colocava o seu batom vermelho e ia pro forró.

O aluno Zé Pereira também apresenta uma história emocionante de sua avó:

A infância da minha avó sempre foi muito difícil. Apesar de seus irmãos nunca se importarem com as dificuldades, eles sempre brincavam e usavam brinquedo feito a mão, pois o recurso da família não era muito grande. Ela relata que os meninos brincavam de pião, bola feita de retalhos e sacolas, ela e sua irmã brincavam de boneca de pano e sabugo de milho quando não podia estar na rua. “Lembro com saudade daquele tempo e me recordo com carinho porque não havia momentos melhores no Natal e outras datas era o momento de aprender a fazer nossos próprios brinquedos.

A aluna Mariazinha compartilhou o relato de sua avó:

Minha vó morava na roça, ela brincava de boneca de pano, boneca de milho e várias outras coisas, ela carregava lata d’água na cabeça, ela trabalhava muito pra ganhar dinheiro. Ela abria a porteira, ela me conta várias histórias de quando ela era pequena. Eu amo escutá-la por que eu aprendo mais e mais com as histórias. Minha avó inventa várias brincadeiras. Eu amo minha vó.

Esse interesse pela história de nossos antepassados é fundamental para conhecermos nossa própria história. Reconhecer os nossos pais e avós como sujeitos históricos, protagonistas de um saber, é enaltecer suas marcas, valorizar suas heranças, é amplificar suas vozes escondidas em fazendas, campos, estradas de terra ou na cidade.

Por isso, a partir da leitura de Halbwachs (1990), reafirmamos que:

Como não se interessaria pelos acontecimentos que lhe dizem respeito e nos quais foi envolvida, em tudo aquilo que reaparece agora nos relatos dessas pessoas mais velhas que esquecem a diferença dos tempos e, sob o presente, reatam o passado e futuro? Não somente os fatos, mas as maneiras de ser e pensar de outrora que se fixam assim dentro de sua memória (HALBWACHS, 1990, p. 66).

“De todos os membros de sua família, por que Stendhal guardou uma lembrança tão profunda e nos traça um retrato tão vivo sobretudo de seu avô?” (HALBWACHS,

1990, p. 66). Essa pergunta feita por Maurice também ecoa por meio desse trabalho. Que encantamento há na vivência dos nossos avós que marcam nossa história? Quantas memórias, lembranças guardamos dos pais dos nossos pais? Muitas perguntas das quais só a caminhada nos apresenta as respostas, enquanto isso, seguimos escrevendo a história feita por eles, para que mais Estelitas sejam conhecidas e reconhecidas, afinal todos somos sujeitos históricos.

3.5 Se essa rua fosse minha: lugares e fontes históricas

A aula seguinte iniciou-se com a cantiga de roda “Se essa rua fosse minha”, mais uma cantiga que faz parte do imaginário dos alunos. Essa cantiga amorosa fala de um lugar, em que o cantante desejava que a rua fosse sua, pretendia enfeitar para seu amor passar. Uma música envolvida por afetividades. Essa cantiga de roda também foi inspiração para a releitura de uma cantiga nomeada “Essa rua já foi minha” que está presente no ep audiovisual *Cirandas da Memória*.

Diferente da cantiga inspiradora, essa rua não tem o “se”, ela é uma realidade. Um lugar em que aconteceu histórias, brincadeiras de infância, lembranças. Por meio dessa cantiga dialogamos como nossa rua é um espaço de memória.

Sobre a relação do lugar com a memória coletiva, Halbwachs (1990) enfatiza que:

Quando se expulsava os senhores e religiosos de Port-Royal, nada era feito enquanto não se tivesse demolido os edifícios da abadia, e enquanto não tivessem desaparecido os que deles conservavam a lembrança. Assim se explica como as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. (HALBWACHS, 1990, p. 133).

Um lugar em que moramos, a rua em que brincávamos de bola ou andávamos de bicicleta, as crianças em que brincávamos de esconde-esconde, todos esses lugares e personagens ocupam espaço na memória coletiva. Cada lugar em que visitamos que fez parte da nossa vida evoca lembranças.

Isso por que esses lugares em que passamos nossa infância está marcada por sentimentos, são memoriais de laços afetivos, uma construção de sentido e “se, entre as casas, as ruas, e os grupos de seus habitantes, não houvesse apenas uma relação inteiramente acidental, e de efêmera, os homens poderiam destruir suas casas, seu quarteirão, sua cidade [...]” (HALBWACHS, 1990, p. 136).

O objetivo do trabalho com essa cantiga é justamente valorizar esses lugares de memória dos nossos alunos. “Os lugares da memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações [...]”. (NORA, 1993, p. 13). Os lugares da memória dos estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental são seus lugares de infância, suas relações construídas em cada pedra, asfalto ou chão de terra em que estes caminhavam e brincavam, ouviam cantigas. Seu lugar histórico.

Além do trabalho com os lugares, apresentamos o conceito de fontes históricas. Conversamos na sala de aula como as fontes são necessárias para o trabalho do pesquisador, por que através dela e de sua interpretação podemos escrever a História. Problematicamos com os alunos, quais as fontes podemos conhecer e aprender História, e como o trabalho com as cantigas está pulsante, as cantigas de roda era a primeira resposta. Podemos usar as cantigas como objeto de estudo, como também uma potente fonte histórica para conhecermos as nuances de um grupo.

Na sala de aula, aprendemos como as fontes são classificadas, como há uma diversidade de fontes em que o pesquisador pode se apropriar na sua pesquisa. Identificamos quais fontes os alunos utilizaram na sua pesquisa com seus pais e avós, um trabalho alinhando a teoria com a prática do aluno.

Mas, o que o aluno considera como sua fonte histórica? Qual ou quais registros que eles apresentariam em sala de aula para que o outro pudesse conhecer sua história ou parte dela? Fizemos esta pergunta em sala de aula e solicitamos que eles trouxessem na aula posterior a sua fonte histórica. Vamos analisar qual a percepção que nossos alunos do sexto ano tem sobre sua fonte histórica.

IMAGEM 2: Fontes Históricas do 6º A



Fonte: Acervo Pessoal

A imagem acima mostra o que os alunos do 6º ano A consideram como sendo sua fonte histórica. Percebemos que na ótica deles, para investigar sua história de vida será necessário observar suas fotografias com seus pais quando eram bebês, seus brinquedos sejam eles de pelúcia, bonecas ou um mais atual, suas histórias em quadrinhos, suas revistas de colorir. Suas obras de arte como os desenhos que eles produziram, cadernos do ensino infantil.

Os seus brinquedos contam sua história. As brincadeiras são suas fontes históricas. Ao pedir as turmas que contassem sobre eles, sua história de vida, eles sempre ressaltam as brincadeiras e brinquedos que eles mais gostam. Brincar faz parte da sua vida e da construção da sua identidade.

Observemos o relato do aluno e como ele enaltece suas brincadeiras e seus brinquedos. O nome é fictício inspirado na cantiga “Foi na loja do mestre André.

Meu nome é André, eu gosto de jogar bola, jogar no celular, no videogame, assistir tv etc. O que eu mais gosto de fazer é jogar bola e jogar Brawl Stars com meu irmão e jogar bola com meu irmão. Alguns dias atrás foi meu aniversário e ganhei de presente um fone de ouvido e R\$ 100. Viajei até o Pará e fiz várias coisas, tomei Guaraná do Amazonas, fui no parque, no centro, tomei açaí (o açaí de lá é líquido). Eu estudei o 4º ano no Pará, revi parentes, vi primos, primas, tios, tias e lá vi amigos do meu vó e eram muito legais.

Observemos nesse relato como André resalta sua brincadeira favorita: jogar bola. O brincar marca essa fase o que faz com que tenha uma concepção das suas fontes históricas os brinquedos que lhe evocam lembranças. Pensar a criança como sujeito histórico é pensar suas brincadeiras e seus brinquedos.

Analisemos agora as fontes históricas do 6º ano B.

IMAGEM 3: Fontes Históricas do 6º B



Fonte: Acervo Pessoal

Ao observarmos a imagem das fontes do 6º ano B, percebemos poucos elementos no que tange ao brinquedo. Vemos ursos de pelúcia, cuja aluna recebeu de alguém que já partiu conforme relato em sala. Uma garrafa de água, uma bolsa de lápis, caderno do Homem-Aranha, um sino que há anos está presente no meio familiar. Vemos também elementos que remetem o nascimento como o primeiro sapatinho e o primeiro dente.

Porém, 11 alunos identificaram como sendo sua fonte histórica o seu celular. Segundo estes alunos, no celular tem muitas informações da sua vida, como suas fotos, seus vídeos, fotos da família, suas redes sociais. Para eles, se alguém quiser investigar sua história, o seu aparelho eletrônico é sua fonte histórica.

Isso reflete essa geração conectada, que já possui o mundo tecnológico na palma das mãos. Que pensa a sua vida entranhada com seus aparelhos tecnológicos. Os jogos agora são digitais e online. As cantigas agora são as músicas virais que acompanham as principais redes sociais as quais esta geração é tão ativa.

3.6 Cante sua história: releitura de cantigas de roda

Após todo esse processo, solicitamos agora que os alunos se inspirassem nas cantigas de roda e escrevessem a sua cantiga. Esta cantiga autoral iria contar um momento vivido, uma lembrança, algo que marcou ou que marca a sua vida. É salutar demarcar que cada aluno tem sua história, sua vivência, e que evidenciar a história desses alunos por meio das cantigas de roda é trabalhar a questão que Carmen Gil escreveu sobre a construção de que todos somos sujeitos da História. Nestas turmas tem alunos que nasceram no Sul do Brasil e hoje moram em Medeiros Neto, Bahia. Outros vieram de Minas Gerais. Mas todos tem em comum as cantigas de roda, porque estas estão presentes em todo território nacional. Muitos alunos moram no meio rural, outros no meio urbano, mas todos se aproximam pelas canções populares que eles ouviram. Suas histórias, apesar de únicas, se entrelaçam.

Entretanto, é importante do desenvolvimento da percepção que a história de vida não é algo puramente individual, mas que nossas vivências estão entrelaçadas na vida de outras pessoas, que somos influenciados pelos discursos circulantes na sociedade. [...] Ao incentivá-los a partilhar suas vivências, os professores contribuem para promover uma aproximação do conceito de alteridade, o interesse pelo “outro”, ou seja, favorecem uma espécie de descentramento (GIL, 2012, p. 71).

A proposta final foi a de que os alunos compusessem canções inspiradas em cantigas de roda, de suas memórias, de alguma vivência, de algum fato que marcou sua vida. Conforme enfatiza Gil (2012) “todos fazem parte da história, que não deve ser vista como um privilégio de um setor específico da sociedade”. Por meio de suas cantigas, com suas narrativas, é de suma importância que os alunos já iniciem a segunda etapa do Ensino Fundamental compreendendo que “mulheres e homens comuns necessitam ser entendidos como partícipes e construtores das histórias que vivenciam.” (GIL, 2012, p. 71)

Os alunos poderiam se inspirar em uma cantiga de roda já existente, se inspirando em sua melodia, parodiando ou escrever uma música autoral. O resultado foi inspirador e tivemos uma diversidade de histórias contadas e cantadas tendo as cantigas de roda como inspiração

A cantiga a seguir composta por um aluno do 6º ano B foi inspirada na cantiga “Se essa rua fosse minha” e faz referência ao seu falecido avô.

Se essa vida, se essa vida fosse minha
 Eu mandava, eu mandava, ele viver.
 Como meu, como meu avô queria
 Mas agora, mas agora já é tarde
 Mas o meu, mas o meu avô tá vivo
 Ele tá, ele tá no meu coração
 Eu sempre lembrarei de você
 Meu avô mora no meu coração.

Mais um aluno se inspirou na mesma cantiga para contar um pouco da sua história e das lembranças vividas.

Minha vida, minha vida é uma história
 Eu gostava, eu gostava de brincar
 De carrinho com amigos importantes
 Minha história, minha história eu vou contar
 Tempo lindo de família reunida
 No meu coração minha história vou guardar
 Um sininho, um sininho bem velhinho
 Minha avó meu amor irei te amar.

Percebemos nas cantigas compostas pelos alunos muita afetividade e saudades. Muitos registraram a partida de seus pais, como lidam com as ausências, a esperança que carregam em revê-los, como a que veremos a seguir.

Minha mãe
 Minha querida
 Meu amor
 Minha gentil vida
 Sonho com seus lindos olhos mamãe
 Minha querida
 Obrigada por me dar vida
 Meu raio de sol é
 Minha estrela que traz vida
 Meu amor, minha mãe, minha rainha
 Como eu queria que você
 Estivesse comigo
 Mamãe, minha querida
 Meu amor, minha gentil vida

Uma das alunas usou a cantiga Ciranda Cirandinha como inspiração

Ciranda Cirandinha
 Vamos todos cirandar
 Vamos dar a meia volta
 Na memória vamos dar
 O ursinho que me deste eu guardei com muito amor
 O amor que tu me tinhas era pouco e aumentou
 Por isso, minha amiga
 Vou estar sempre contigo
 Obrigada por tudo, digo adeus e vou embora.

A próxima cantiga foi inspirada na cantiga de roda “Borboletinha” e relata o período pandêmico em que todos vivenciamos. O título dessa cantiga é “Quarentena da Borboleta”

Borboletinha, tá lá na rua
 Furando a quarentena, fofocando com a vizinha
 Poti poti, perna de pau
 Coloca essa máscara, pois se não vai parar la no hospital
 Infelizmente, ela não usou
 Culpa do corona vírus ela se ferrou
 Poti poti, perna de pau
 Olho de vidro e nariz de pica-pau
 No hospital
 Viu todo mundo
 Na intubação passar mal
 Olho de vidro e nariz de pica-pau
 Ela e sua vizinha
 Aprenderam a lição
 Nunca mais foram fofocar do lado de fora do portão
 Poti poti, perna de pau
 Olho de vidro e nariz de pica-pau

Através dessa cantiga, outra aluna contou um pouco de sua história. Ela intitulou sua cantiga de “Minha vida, minha história.”

Hoje aqui nestas linhas
 Um pouco da minha vida vou contar
 Ela é um pouco complicada e não sei
 Se vocês vão acreditar
 Aqui voltando ao passado
 Um pouco do campo vou lembrar
 Ali sim é um lugar tranquilo
 E que dá gosto de morar
 Foi lá que aprendi
 A brincar e farrear
 Andar de cavalo, pular
 Até na enxada gostei de pegar
 Para trabalhar

E mostrar para os meus pais
 Que para trás não vou ficar
 Sou diferenciada, eu sei
 Mas sou uma pessoa de caráter
 Que na vida só quer o bem
 Das pessoas que me amam
 E que sempre amarei também.

Por meio da cantiga de roda “Se essa rua fosse minha”, uma aluna rememora um local de pertencimento, a fazenda. A cantiga autoral foi chamada de “Se essa rua fosse aquela”.

Se essa rua, se essa rua fosse aquela fazenda que eu ficava todo dia
 Acordando bem cedo e indo tomar café da manhã
 E ouvindo o som do galo cantando
 E correndo para brincar com meus primos
 Indo ajudar nossos avós e depois montando em cavalo
 Se divertindo demais o dia inteiro
 E de noite indo dormir e descansar
 No domingo um churrasco com toda a família
 Isso sim que é vida
 Isso sim que é vida
 Eu adoro demais

As viagens feitas pelos alunos também foram a inspiração para a composição. Essa cantiga se chama “Viagem Distante”.

Fiz uma viagem marcante, porém distante
 Fui para Vitória, Espírito Santo
 Vim ver minha tia que eu tanto amo
 Amo ir para Vitória, lá tem história.
 Foi lá que eu aprendi a nadar e cantar
 Tenho um primo chato
 Ele sempre ignora

A gente brigou uma vez e eu peguei minhas coisas e fui embora
Nunca mais voltei em Vitória

Para encerrar a exposição dessas cantigas, as quais foi difícil escolher algumas dentre tantas histórias, com tantas memórias vividas e agora registradas em forma de cantiga, apresento uma cantiga em que conta e canta um momento muito importante na vida dos nossos alunos, o primeiro dia de aula.

Meu primeiro, meu primeiro dia de aula
Vamos lá, vamos lá para estudar
Cheguei lá e fiz amigos e estudei
Estudei, estudei e aprovei
Nessa escola, nessa escola tem uma sala
Que se chama, que se chama 6º A
Dentro dela, dentro dela tem alunos
Dedicados, dedicados a estudar
Estudei, estudei com muito empenho
Para que, para que eu possa aprender
Disciplina, disciplina é a base
Na escola com sistema militar.

Consideramos, assim, o trabalho com cantigas de roda salutar por colocar no centro das discussões, as vivências e convivências desses alunos. Dar voz e luz as suas trajetórias por meio das cantigas de roda. Provocar reflexões no que tange a formação do sujeito construtor de sua história. Evidenciar noções de pertencimento que atravessam limites geográficos.

O trabalho com as cantigas de roda, pode auxiliar também como introdução de conteúdos como noções do que é História, sujeito histórico, demonstrando que a história é construída também por crianças. E que, apesar de, por vezes, esquecidos ou silenciados, todos são sujeitos históricos, que constroem e reconstróem sua trajetória.

4. EP Audiovisual Cirandas da memória: Produto, difusão e aplicação no ensino de história

Durante o mestrado, as discussões nas disciplinas cursadas foram muito importantes para a fundamentação do produto educacional, uma delas enfatizava a relação entre o audiovisual e o professor-historiador. No tempo em vivemos, além das competências e habilidades que todo professor precisa ter, o manejo com recursos audiovisuais é mais do que necessário, é urgente.

Pensamos como a sala de aula mudou. Não estamos mais em uma sala com alguns metros quadrados com nossos alunos sentados em suas carteiras, e nós professores, com nossas anotações nos quadros ou Datashow. Agora nosso espaço escolar é nossa própria casa e o mediador são os aparelhos celulares e notebooks. Além de lidarmos com diários de classe, precisamos compreender de gravação, edição, mídias sociais e digitais.

O historiador também não está fora desse processo. O campo do historiador não se resume ou se restringe as salas acadêmicas. Com a demanda contemporânea, os pesquisadores precisam atingir a grande massa, o grande público dos meios digitais, não só os seus pares. Sabemos que há toda uma problemática nessas questões. Sabemos que o historiador por se dedicar de forma exclusiva a universidade não lhe sobra tempo para acrescentar práticas mais ativas no audiovisual, mas como mencionado, é um campo onde os historiadores precisam demarcar.

Sendo assim, compreendendo a potência de alcance e a necessidade de demarcação dos espaços digitais pelo ensino de história, que a minha pesquisa propõe uma solução mediadora de aprendizagem por meio de um EP audiovisual.

O vídeo é um recurso muito utilizado pelos professores em sala de aula. Moran (1995, p.1) enfatiza que “o vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele - nos toca e "tocamos" os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente.”

Os recursos visuais proporcionam sensações, desperta os sentidos. “Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos.” Aliado a um bom planejamento, as obras visuais ampliam a compreensão do aluno sobre determinado conteúdo.

O vídeo explora também e, basicamente, o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações

espaciais (próximo-distante, alto-baixo, direita-esquerda, grande-pequeno, equilíbrio-desequilíbrio). Desenvolve um ver entrecortado - com múltiplos recortes da realidade -através dos planos- e muitos ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas, câmera fixa ou em movimento, uma ou várias câmeras, personagens quietos ou movendo-se, imagens ao vivo, gravadas ou criadas no computador (MORAN, 1995, p.1).

O objetivo foi produzir um EP audiovisual denominado “Cirandas da Memória” com 6 músicas e videoclipes de versões de músicas tradicionais populares presentes na memória coletiva dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, bem como seu entorno familiar, sua cidade. As canções foram tomadas como fonte para a produção de composições autorais que, assentadas em estruturas melódicas e temas tradicionais, serviram como elemento de abordagem de temas da história local.

IMAGEM 4 – Capa do EP Audiosual “Cirandas da Memória”



Fonte: Arquivo Pessoal

A concepção da capa deste EP foi pensada com o intuito de transmitir ao observador as tramas que envolvem este trabalho. O professor, os alunos, minha vó, que tanto inspirou essa pesquisa. Os alunos estão em uma ciranda na sala de aula participando e observando. O nome do EP e meu nome formam uma ciranda no centro dessa capa. A imagem também remete a um quadro antigo que se coloca na sala de casa, uma pintura que se eterniza.

As discussões sobre a questão do audiovisual e as mídias digitais só fomentaram e embasaram esta proposta. Objetivando um maior alcance dos professores de História através deste material, este EP audiovisual estará disponível em todas as plataformas digitais, fazendo com que seu alcance seja além dos limites geográficos da minha cidade. As cantigas presentes na memória coletiva serão conhecidas não só no Brasil como no mundo. E proposições de releituras por meio das vivências locais serão ouvidas por todos

quantos tem acesso.

Em nossas práticas em sala de aula é de suma importância a mediação dos conteúdos programáticos com estas expressões da cultura popular aliando aos recursos audiovisuais. Ensinar conceitos como sujeito histórico, tempo histórico, lugares, fatos, utilizando as cantigas de roda é aproximar os alunos de uma realidade que lhes é muito próxima.

Todo saber local é um saber global. As cantigas de roda são uma das primeiras expressões da cultura popular que o aluno se depara no ambiente escolar. O professor pode e deve lecionar História com algo tão próximo da vivência de seus alunos, demonstrando que suas experiências locais estão conectadas com o mundo.

4.1 EP audiovisual: prelúdios

Pensar um ep audiovisual é um trabalho que demanda esforços. Pensar um ep audiovisual que seja aplicável nas aulas de História exige esforços ainda maiores. Não é apenas escrever uma canção ou gravar um vídeo, mas unir vivências em sala de aula e transformar em imagens e sons que expressem essas experiências. E uma vez produzida, se tornar um apoio pedagógico para professores nas aulas de história, com beleza, estética e conceito.

O caminho percorrido para a escolha das cantigas de roda, e as temáticas das releituras foram resultado de um processo de 6 anos de experiência lecionando a disciplina de História para alunos do 6º ano do ensino Fundamental II. Cada aula desde 2016 até o momento presente serviram de matéria-prima para a composição das canções e concepção visual.

Antes de entrarmos no produto educacional, vamos compreender o que é um EP. EP é uma abreviação do termo inglês extended play, que seria semelhante a uma música estendida. Os EPs geralmente possuem 4 a 6 músicas, o que não pode ser considerado um single (uma música) ou um álbum que geralmente possui mais de 10 músicas. O EP também é chamado de miniálbum.

Este ep audiovisual apresenta três prelúdios durante alguns dos clipes com os principais conceitos abordados nesse trabalho: Memória, História e Tempo. Cada prelúdio é representado por divindades gregas Mnemosine e Clio, e africana, o deus do tempo Iroko

O primeiro prelúdio faz referência a Mnemosine, que personifica a memória.

Mnemosine é uma das deusas mais poderosas para os gregos, pois a memória é o catalisador da razão e é esta razão que diferencia os Seres Humanos dos outros animais. Desta forma, a memória está intimamente ligada ao poder da razão, o que fez com fosse considerada por muitos como a primeira filósofa. Uma de suas atribuições como deusa foi de nomear todos os objetos existentes. Por essa responsabilidade deu aos Seres Humanos o poder de memorizar, isto é, de reter conhecimento e de transmiti-lo oralmente. (SALES, 2015, p.157)

IMAGEM 5 – Mnemosine



Fonte: Wikipédia. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Mnemosine#/media/Ficheiro:Gabriel_Dante_Rosetti,_Mnemosyne.jpg. Acesso em: 03 jul. 2022

Essa imagem foi a referência para a caracterização da minha avó Estelita Ferreira de Novaes. Ela representa a memória, visto que ela é uma das motivações pelos quais abordamos essa temática no trabalho. Além de ter em minhas memórias de infância, muitas cantigas cantadas por ela. Como escrevi em uma das canções presentes nesse EP, “Minha Mnemosine, minha avó”.

Nesse prelúdio, Mnemosine (minha avó) estará presente em um campo com um lampião como representação da luz que a memória traz sobre as nossas lembranças. A memória estará passeando e se encontra comigo, um professor, cantador de cantigas e histórias. Enquanto o público vê a representação de Mnemosine, um áudio informa de quem se trata.

O segundo prelúdio é Clio, conhecida como musa da História.

Clio tem a função de articular o passado e o presente em constante e mútua interrogação. Na articulação do passado e presente, tem uma função contemplativa de louvar, como bem sugere a origem de seu nome: Cleós, glória, ou Cléia, Louvor. De todas as musas foi a que possuiu a mais estreita relação com sua mãe, Mnemosine, tendo em

vista que a memória é ação que interpela desde a mais simples das práticas cotidianas às mais complexas[...] (SALES, 2015, p.157, 158)

IMAGEM 6 - Clio



Fonte: [Wikipedia.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Clio#/media/Ficheiro:Clio-Mignard.jpg) Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Clio#/media/Ficheiro:Clio-Mignard.jpg>. Acesso em 3 jul. 2022

Clio foi representada pela atriz itanheense Samara Fagundes. Clio também aparece num campo, portando os elementos que a caracterizam. Clio também encontra o professor de História, dando-lhe as mãos, simbolizando a união, o compromisso que o professor tem com a História.

O terceiro prelúdio é Iroko, deus do tempo.

Nas nações Ketu, Tempo é conhecido como Iroko. Entre o povo Jeje, como Loko. Nos terreiros de Angola e Congo, povo Banto, é chamado de Kitembo ou simplesmente Tempo [...] Vento e Árvore, embora elementos integrais da sagrada natureza, não são a mesma coisa. A árvore é de Tempo, mas Tempo não é a Árvore (Mãe Edineuza, 2016). No Ketu, tradição yorubá, Iroco é o primeiro filho de Oxalá, ou seja, um dos orixás mais velhos cultuados no candomblé. É celebrado como a primeira árvore plantada por onde desceram todos os outros orixás. Em alguns lugares, é sincretizado com São Francisco de Assis. Já Tempo, é correlacionado a São Lourenço e, nos terreiros de Angola no Sertão, são sempre representados por bandeiras brancas e alguns assentos nas áreas externas dos terreiros onde observa-se objetos de medir o tempo (relógio de areia), escadas, grelhas, lanças etc.

É certo que esta não é a forma do Tempo. Tempo não tem forma. Por exemplo, em alguns terreiros na região de Bonfim-BA, reverencia-se Tempo com roupas pretas (Pai Antônio, 2017). Sim! Tempo também é preto! A noite, que é Tempo, é escura. (MARQUES, 2017, p. 19,20,21)

IMAGEM 7 - Iroko



Fonte: Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/orixaseseismisterios/posts/296104097502882/> Acesso em 3 jul 2022

Para representar o tempo, escolhemos um deus presente na cultura africana e afro-brasileira. Um dos objetivos é mostrar como o tempo é representado em outras culturas, descentralizando o olhar greco-romano, uma vez que ao pensarmos em tempo, pensemos em Cronos. Como os povos africanos pensam o tempo? A concepção de tempo para eles é semelhante da nossa? Como podemos aprender com eles? A provocação dessa curiosidade motivou esse prelúdio. No prelúdio, Iroko aparece em uma árvore enquanto um áudio informa quem é ele e quais suas representações para a cultura e religiões de matriz africana.

O objetivo desses prelúdios com esses personagens é inserir essas divindades tão simbólicas na trama, proporcionando uma discussão sobre esses conceitos tão significativos e basilares para o ensino de História. E o uso de personagens da cultura grega e africana foi pensada também por que é no 6º ano em que as civilizações antigas são estudadas. Tais prelúdios podem ser compartilhadas em sala de aula, abrindo uma ponte entre o ensino de História e História antiga.

4.2 Processo criativo e concepções visuais do EP Cirandas da Memória

Episódio 1: Fotografia

Letra

Eu guardei minhas memórias

Nessa fotografia

Nessa fotografia

Eu guardei você

Eu lembrei minha história

Nessa fotografia

Nessa fotografia

Parei o tempo só para rever

Câmera que bate bate

Uma foto já bateu

Quem gosta de foto é ela

Quem gosta dela sou eu

Eu voltei no tempo agora

Nessa fotografia

Nessa fotografia

Eu lembrei de você

Eu vivi tantas histórias

Nessa fotografia

E com essa fotografia

Ensino História pra você.

“Fotografia” é a primeira música desse EP audiovisual. Ela, como as outras músicas dessa obra é fruto das vivências em sala de aula, com as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental. O trabalho com fotografias como fonte histórica é o meu cartão de entrada para o ensino dos conteúdos iniciais de História. Início as aulas com fotografias antigas de casamento, propondo a turma um paralelo entre passado e presente, entre as mudanças e permanências, entre o antigo e o novo.

A comparação de dois momentos diferentes, a partir, por exemplo, de imagens sobre carnaval, pode possibilitar o trabalho de compreensão da importância do estudo da História e de compreensão de permanências e rupturas no processo histórico. (BRODBECK, p. 149, 2012)

Além disso, as turmas do 6º ano, reconhecem a fotografia como sendo suas principais fontes históricas quando estes desejam apresentar suas experiências vividas.

Assim como o documento escrito, a fotografia pode ser um poderoso aliado na formação dos alunos, tanto por seu caráter ilustrativo – ela pode ser usada para ilustrar um determinado período -, como por trabalhar com elementos visuais bastante próximos ao referencial do aluno: a foto é um elemento presente na nossa vida. Todos nós temos algum registro fotográfico de diversos períodos de nossas vidas: infância, reuniões de famílias, registro de viagens, passeios, etc. (CANO, p. 47, 2012)

De acordo Ciavatta (2002) “As fotografias são como monumentos que traduzem valores, ideias, tradições e comportamentos que contribuem para a identidade familiar e orientam formas de ser e agir” (CIAVATTA, p. 30, 2002). Por esse elemento ser tão presente em nossa vida, e os nossos estudantes ao compreender o conceito de fonte histórica apresentar uma fotografia de uma viagem em família, de aniversário, uma fotografia quando eles eram bebês com seus pais, como sendo sua principal fonte histórica, que a canção “Fotografia” abre esse EP audiovisual.

A canção fotografia retrata como nossas memórias, lembranças, são capturadas e “congeladas”. Como parte da nossa história deve e precisa ser registrada e lembrada. A canção propõe também a relação entre a fotografia e a memória. A cantiga “fotografia” é alusiva a cantiga de roda “pirulito que bate bate”. Uma das motivações pela escolha da música é o fato de usarmos a expressão “bater uma foto”, uma forma de brincar com as expressões.

A canção possui cinco estrofes, tendo uma linearidade melódica. Pensamos em aproximar da simplicidade presente nas cantigas, com repetições de frases que permitem a memorização, característica muito presente nas populares cantigas de roda.

Portanto, concebemos visualmente essa canção em dois espaços. A sala de aula, lugar onde os alunos cantam essa canção com fotos de família, quando eles eram bebês, fotos que lhe tragam lembranças. A sala estará em semicírculo como alusão a roda em que fazemos para as cantigas. O professor iniciará com a frase “Vamos aprender História com cantigas de roda?” dando abertura a essa viagem. Outro espaço será um campo em

que o professor estará cantando a cantiga tendo Mnemosine, a memória por sua companhia. O professor estará com suas fotografias assim como seus alunos.

Episódio 2: Brinquedos que contam

Letra

Brinquedos que contam

Brinquedos que cantam

A nossa história

A nossa infância

É bom ser criança

Os meus brinquedos contam pra você

Brinquedo que é fonte

Brincar é lembrança

Gira nessa dança

Memória tão doce como bolo de vó

Venha comigo brincar

Ai olé, ai olé, brincar te apresenta minha história, Eh!

IMAGEM 6 – GRAVAÇÃO DO CLIPE – BRINQUEDOS QUE CONTAM



Fonte: Arquivo Pessoal

“Brinquedos que contam” é a segunda música, o segundo episódio desse trabalho.

Passamos pela fotografia, e agora chegamos nos brinquedos, algo tão importante para a história infantil. Como abordado na seção anterior, a concepção de fonte histórica dos alunos está atrelada aos seus brinquedos e brincadeiras, então não teria como pensarmos nesse trabalho musical sem pensar em uma música sobre o brincar.

Ao propor a releitura de cantigas de roda para os alunos, muitos escreveram cantigas inspiradas em seus brinquedos e brincadeiras. Vejamos algumas cantigas composta pelos alunos em que estes abordam suas brincadeiras. Uma aluna inspirada em sua boneca escreveu a seguinte cantiga:

Se essa boneca, se essa boneca fosse minha
 Eu levava, eu levava ela pra casa
 Eu cuidava, eu cuidava dela muito
 E amava, e amava ela tanto
 Gosto dela, gosto dela
 Lá no fundo, lá no fundo do meu coração
 Eu ganhei, eu ganhei do meu tio
 E eu amo ele muito também

A aluna inspirada na cantiga “se essa rua fosse minha”, ao contar sobre algo marcante, contou sobre uma boneca de alguém que ela ama. A boneca em questão está presente na sua memória, e na construção de sentimentos e emoções. Outra aluna ao cantar sua história, deu uma ênfase as diversas brincadeiras que ela gosta:

Eu amo brincar, cantar, ler, ficar com meus amigos
 Com eles faço pulseira, brinco de esconde-esconde
 Pega pega, pique gelo
 Pega menino e menina
 E muito mais brincadeiras
 Amo ficar com minha família
 Fazendo amigo oculto, brincadeiras
 Meu vô e vó morreram, eu não conheci minha avó

Podemos observar a importância que esta aluna atribui as brincadeiras, as amizades, as brincadeiras em família. Brincar faz parte da identidade da criança. Sendo

assim, é salutar na construção desse produto educacional uma cantiga sobre o brincar.

“Brinquedos que contam” é uma cantiga autoral com um ritmo de balada. É uma música mais dançante, pensando no brincar como movimento, como dança. Utilizamos um fragmento da música “Foi na loja do mestre André”, cantada em um outro compasso, mas que nos traz lembranças dela. Pensamos nesta cantiga porque ela iria se chamar “violão e sanfona”, brinquedos que marcaram minha infância, e como diz a cantiga, foi na loja do mestre André que muitos instrumentos musicais foram comprados. A letra propõe a brincadeira como um instrumento que conta as nossas histórias, brinquedo como fonte que precisa ser problematizada. Brinquedos que guardam sentimentos, que revelam infâncias.

A cantiga foi visualmente apresentada com o professor em um estúdio de música, onde foram espalhados vários brinquedos dos alunos. Brinquedos que fazem parte da sua vida, brinquedos que contam suas histórias. Os alunos também participaram, por meio de fotos e vídeos deles com seus brinquedos e brincadeiras favoritos. No final da música sampleamos um áudio de uma aluna dizendo “obrigada professor Vinicius” enquanto o violão dedilha um trecho de “Escravos de Jó”, cantiga de roda marcada também pela brincadeira.

Episódio 3: Essa rua já foi minha

Letra

Essa rua já foi minha

E ela já me viu brincar

Pique esconde, pé no litro

Essa rua já foi meu lar

Essa rua já foi minha

Vi meus amores aqui passar

Minha família, meus amigos

Minha casa é meu lar

Essa rua já foi minha

Pedrinhas de brilhantes tem não

Mas tem história, minha herança

Está gravada no meu coração.

Iniciamos com as fotografias, aprendemos com os brinquedos, agora vamos para a rua, nosso lugar de memória. É na rua onde estreitamos laços, desenvolvemos sociabilidades. É na nossa casa, na nossa rua que desenvolvemos que somos, recebemos nossa herança como escrevi na nossa canção.

A rua também foi temática das releituras dos alunos. E a cantiga “Se essa rua fosse minha” foi uma das mais reinterpretadas. O título “Essa rua já foi minha” para evocar a ideia de pertencimento. Um espaço que já foi familiar, mas permanece sendo meu por ter memórias, vivências e convivências nesse lugar

Eu nasci, eu nasci naquela rua. Eu corria, eu corria, pra lá e pra cá, eu brincava, eu brincava com meus amigos. De pique esconde e de bicicleta. A gente brincava de pega pega e tocava e tocava a campainha. Eu ficava brincando até tarde, no outro dia eu continuava a brincar. É com isso que meus amigos se divertia, e brincava com meu cachorro para o tempo passar (Aluno Juquinha)

. Podemos pensar a rua, não apenas como um espaço urbano. O lugar pode ser rural. Muitos alunos ao cantar suas histórias, pensaram seu ambiente, seja a fazenda, sítios.

Quando eu era pequena, eu costumava a ir pra roça, lá eu brincava com os animais que tinha lá, eu brincava com os animais que tinha lá. Eles eram bem fofinhos, eu vou ter que confessar, eu me divertia muito lá. Eu pegava as frutinhas pra brincar. Gostava muito de lá, ficava com meu irmão brincando lá. Passava dois dias lá e me divertia muito. (Aluno do 6ª ano)

A canção possui três estrofes, e semelhante a canção fotografia possui uma linearidade melódica tendo um arranjo instrumental de “se essa rua fosse minha” entre as estrofes. Também, pensamos em aproximar da simplicidade presente nas cantigas, com repetições de frases que permitem a memorização, característica muito presente nas populares cantigas de roda, similar ao processo da primeira cantiga desse trabalho.

A concepção visual dessa canção também ocorre em dois espaços. A escola, onde os alunos cantam essa canção com o professor. Tanto o 6º ano A como o 6º ano B estão reunidos na arquibancada da escola, todos pensativos, lembrando das ruas em que moraram, das brincadeiras, das pessoas com que conviveram. Alguns alunos também estão interpretando na frente do grupo. Outro espaço será a rua em que o professor passou a sua infância e adolescência. Estará cantando a cantiga tendo Mnemosine, por sua

companhia. A Memória caminhando junto com o professor pelo lugar que ele já pertenceu.

Episódio 4: Foi meu amor que me disse

Letra

Foi meu amor que me disse

Que alecrins dourados

Nasceram no campo sem ser semeado

Foi meu amor que me disse

Que espada de São Jorge, espantam mau olhado

Ouçã essa história

Revisitei memórias

De um tempo que se passou

Tempo de olhar estrelas

De ouvir Estelita

De sua vida na roça

Minha Mnemosine, minha avó

Brincar de boneca de pano

Carregar balaio de mandioca

Lata d'água na cabeça

Descansar e abrir a porteira

Rezar o benedito

Cada relato bonito

Escute por favor e não se esqueça

Que foi meu amor que me disse assim que a flor do campo é o alecrim

“Foi meu amor que me disse” é o quarto episódio dessa produção musical. E é uma das canções que mais me emociona, pois ela é inspirada em relatos contados por minha avó. Essa canção, conforme escrito na seção anterior foi trabalhada em sala de aula para abordar o conceito de sujeito histórico.

Essa cantiga é uma ode à memória dos mais velhos. Uma celebração das suas

singularidades, mas que se assemelha à história de muitas. Existem muitas “Estelitas” cuja infância é marcada pela vida no campo, a lida matinal, os brinquedos artesanais. Das celebrações, da religiosidade. Existem muitas “Estelitas” que não estão nos livros de história, mas que fazemos questão de enaltecer, cantar e contar suas memórias.

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido que a memória de uma pessoa mais jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 1994, p. 59)

Além do mais, essa canção evidencia a tradição oral, tão fundamental na preservação não só das cantigas de roda, mas de toda manifestação popular. Graças a oralidade, tradições não foram esquecidas. Afinal, como saberíamos que o “alecrim dourado nasceu no campo sem ser semeado” se não fosse “meu amor que disse assim”?

Portanto, ao pensar visualmente essa cantiga, também pensamos em dois espaços. O clipe transita entre a sala de aula onde eu e os alunos cantam com minha vó e para ela. A gravação do clipe foi um momento ímpar na vida. Ver a emoção dos meus alunos ao ver minha avó, a personagem que eles tanto ouviram falar. Muitos alunos do 6º ano B se emocionaram por vê-la. Muitos se lembraram de seus avós. A gravação foi um momento de extrema emoção. Pedi que minha avó também compartilhasse um pouco de sua história e assim ela o fez.

IMAGEM 9 – Minha avó com a turma do 6º ano B



Fonte Arquivo Pessoal

Outra locação presente é lindo campo e minha avó vestida com um lindo vestido dourado. Ela é e será meu alecrim dourado. Nas imagens estarão o neto e avó, sua musa inspiradora, cantando e interagindo entre si, se abraçando, dançando, tendo o foco principal a protagonista dessa canção.

IMAGEM 10 – Minha avó como alecrim dourado



Fonte: Arquivo Pessoal

Episódio 5: Vamos todos cirandar

Letra

Vem, vamos cirandar

Vem ver Itanhém

Uma volta e meia vamos dar

Vem, vamos todos cirandar

Conhecer Água Preta

Nosso povo é história

Nosso lugar, divisa com as Minas Gerais

Era povoado por Machacalis, bacia de pedra, Itanhém, tupi

*Tua história na memória da tua gente
Preservada por tantos anos
Fez morada no extremo sul baiano*

*Ciranda Cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar*

*E o anel que tu me deste é de berilo que aqui se achou
E o amor que eu tenho, não é pouco e nem se acabou
Nessa ciranda, seu Simplício, lembro do senhor
Que chegaste a esta terra tão amada, fez teu povo, tua casa
De Itanhém é o fundador*

Começamos pelas fotografias, conhecemos os brinquedos e brincadeiras, passeamos pelas ruas, visitamos as memórias dos mais velhos e desembarcamos na cidade. Assim finalizamos o nosso EP Cirandas da Memória.

A cantiga “Vamos todos cirandar” é um convite a um passeio pela história de Itanhém⁴ – Bahia. Um chamado a cirandar por seu início, sua fundação e fundadores, os povos que aqui habitaram, as riquezas que possuía. Um subsídio para o ensino da história local.

Por meio de uma releitura da clássica “Ciranda cirandinha”, “Vamos todos cirandar” é uma cantiga composta por meio das memórias registradas sobre a origem de Itanhém, cidade a qual nasci e vivo. Me aproprio dos traços da amizade e afeto presente na cantiga original e ressalto o meu amor por essa cidade, que “não é pouco nem se acabou.” Visualmente composta por cenas aéreas da cidade, percorrendo seus distritos e vilas, cirandando por suas estradas e pela praça matriz, onde o professor também estará cantando essa canção. Dentro do contexto da história local, apresentaremos uma canção que será uma faixa bônus, que é uma releitura da ciranda “Foi no Tororó”.

Episódio Bônus: Foi no Tororó

⁴ Itanhém é um município brasileiro do estado da Bahia, situado na região do Extremo Sul. Faz divisa com as cidades mineiras Bertópolis e Palmópolis.

Letra

É de tarde eu vou me refrescar

Eu vou pra Ibirajá

Eu vou pro Catabriga

Logo vejo linda morena e seu vestido rodado

Logo me encantei por ela

Ao som de águas barulhentas, cachoeira Catabrigas

Eu deixei bela morena

Foi no Tororó que o meu amor deixei

Bela morena que em Ibirajá eu encontrei

Fica tranquila na madrugada faço cantiga

Lembrando da morena que deixei no Catabriga

Cachoeira dos Catabriga é um lugar que fica no distrito de Ibirajá, pertencente a Itanhém. Local de passeio e encontros feito por itanheenses e medeirosnetenses. A Cachoeira dos Catabriga é considerada um patrimônio local, e cantá-la foi uma forma de valorizarmos esse tão maravilhoso patrimônio, bem como pensarmos o patrimônio local em sala de aula.

O fio motivador para a releitura foi pensar: “E se a música Fui no Tororó fosse inspirada na nossa história?”. Embora saibamos que a cantiga de roda fosse ambientada em outra localidade, mesmo que não seja um consenso, poia alguns creditam a origem a cidade de São Paulo, outros o sul do Brasil, mas tomamos a licença poética de conceber uma cantiga vista da nossa história local, do nosso patrimônio. Quando pesquisamos a etimologia da palavra Tororó, vemos que sua origem é tupi e um de seus significados é cachoeira pequena ou águas barulhentas. A cultura indígena está muito atrelada a história local. O nome da nossa cidade é tupi que significa, bacia de pedra. Era habitada pelo povo Machacali. O nome do distrito Ibirajá é indígena. Nossa história local se entrelaça com a história indígena.

O clipe foi gravado na Cachoeira dos Catabriga, com cenas de locais do distrito. A história é contada pelo professor-cantador de histórias que narra a situação vivida pelos personagens. Os personagens centrais são um homem, interpretado por Angel Guilherme que assim como na cantiga original não cita seu nome, e a morena pelo qual ele se encantou, mas deixou na cachoeira. Mantendo as mesmas características da cantiga

original, classificada como amorosa, abordaremos por meio dessa obra, como este patrimônio favorece os encontros e desencontros entre essas cidades.

4.3 Cirandas da memória: produção, difusão e aplicação no ensino

As músicas foram compostas por mim, Vinicius Ferreira Gomes, e contou com a produção musical de Leandro Rodrigues⁵ nas músicas “Fotografia, Essa rua já foi minha, Foi meu amor que me disse, Vamos todos cirandar e Foi no Tororó” As músicas foram gravadas em seu estúdio na cidade de São Paulo – SP. Os clipes foram produzidos e dirigidos por mim e contou com a colaboração da produção e edição de Renato Ribeiro.

IMAGEM 11 – Eu e o produtor Leandro Rodrigues gravando o EP



Fonte: Arquivo Pessoal

A canção “Brinquedos que contam” também é uma canção autoral e foi produzida e gravada na Hoperise Produtora, na cidade de Serra – ES, pelos produtores Jhenesson Sousa de Oliveira e Israel Martins.

As músicas estão disponíveis no meu canal (Vinicius Ferreira) em todas as plataformas digitais de música como Sportify, Deezer, Apple Music, Itunes, entre outras plataformas, possibilitando seu acesso em qualquer lugar do Brasil e do mundo. O link

⁵ Leandro Rodrigues é um cantor, compositor, produtor musical, multi instrumentista e arranjador brasileiro. Tornou-se notório como instrumentista da banda do cantor Paulo César Baruk e também como produtor e músico para diversos artistas evangélicos

de acesso do Spotify é <https://open.spotify.com/artist/3kB88tBJwbhvx8yjfs78XN?si=9iSdo-SnSqWWrNbx-tU1kA>.

Os clipes estão disponíveis no meu canal do Youtube - Vinicius Ferreira – que poderá ser acessado pelo link <https://youtube.com/channel/UCcjYa9TEOEAx7ftUQ8q-0zA>. Caso alguém não tenha acesso as músicas por meio das plataformas, poderá acessar pelo canal. Cada vídeo terá em sua descrição a letra da música e também os links que direcionam para as plataformas musicais e redes sociais do autor. No canal do Youtube também está disponível os playbacks das músicas para o professor cantar com seus alunos em sala de aula.

O EP “Cirandas da Memória” é um suporte no trabalho do professor em sala de aula. Deixamos como orientação para os professores que incentivem as releituras dessas cantigas, assim como foram feitas pelos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental. Por que além do trabalho com conceitos fundamentais que se iniciam no sexto ano, mas são vitais por todos os anos da educação básica e superior, um dos maiores contributos desse trabalho por meio das cantigas é a valorização das histórias de vida.

Como brincam nossos alunos? Quais lugares eles transitam? Quais as memórias que eles têm da sua família? O que é história para eles? O que eles priorizam? É pensar o ensino de História tomando como ponto de partida as experiências das nossas crianças. Como eles vêem o mundo e se relacionam com ele, que é tão diferente das outras gerações. É a valorização da humanidade, da subjetividade infantil. A História é feita por meio das perguntas, e diante disso lembrar do que escreveu Gonzaguinha, e ficar com a pureza das respostas das crianças.

Além disso, o professor pode abordar o material para problematizar conceitos como o tempo, lugar, memória, história. Através da cantiga “Fotografia” o professor pode trabalhar questões como fotografia como fonte histórica. “Brinquedos que contam” pode proporcionar uma abordagem da história da infância, brinquedos como fonte, memória e brincadeiras das infâncias.

A cantiga “Essa rua já foi minha” trabalha questões como espaços de memória, nosso lugar, grupos sociais. “Foi meu amor que me disse” é o apelo a memória dos mais velhos. Permite a interação entre as mudanças e permanências das vivências dos sujeitos históricos.

“Vamos todos cirandar” proporciona uma abordagem da história local, com seus aspectos históricos, culturais, sociais, afetivos. Além da música “Foi no Tororó” que

abordam um patrimônio local. Por mais que algumas canções tratem de lugares muito específicos e característicos da nossa localidade, o professor pode adaptar e contemplar suas especificidades.

IMAGEM 12 – Dia da Gravação do Clipe com os alunos e minha avó



Fonte: Arquivo Pessoal

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim desse trabalho, mas ainda não o consideramos inacabado. Iniciei a pesquisa com ideais e a medida que me familiarizava com meu objeto, percebia o quanto a pesquisa com cantigas de roda nas aulas de História é um campo proífico. O trabalho com cantigas de roda abre as janelas para enxergar vários horizontes.

O horizonte da memória entrelaçada com a cultura popular. Que linha tênue entre os esquecimentos e permanências podem ser observadas. E para enxergar ainda mais esse horizonte como foi proveitoso enxergar pela ótica da História Cultural, que embora recente, é um caminho necessário de se percorrer. Confesso que este caminho possui terrenos delicados que exigem atenção, mas teóricos como Chartier e Darnton nos dão pegadas as quais podemos trilhar.

O trabalho com a memória também exige atenção. Embasar-se da História Oral por meio do Método Histórico Biográfico foi uma segurança para definir caminhos para esse trabalho. Identificamos nas literaturas e na vivência essa relação intrínseca entre a memória e a oralidade, sendo um alicerce para essa pesquisa.

Falar da infância me emociona. O sentimento de alteridade, que tanto propõe Carmém Gil, não atende apenas aos alunos, mas atendeu principalmente o meu fazer-se professor. Durante o percurso da pesquisa me enxerguei nos alunos, me vi em suas histórias, em seus relatos. A gente aprendia, cantava, descobria e se redescobria. Situações que só o ensino de História nos proporciona. O ensino de História é transformador.

E dentro do campo da infância exploramos as cantigas de roda, nosso objeto. Mas por que as cantigas de roda? Por que elas fazem parte da nossa identidade. Somos as canções que ouvíamos em nossa infância, somos a ciranda da escola, somos as cantigas da rua. A vida é uma canção infantil, como escreveu Cesar MC.

As cantigas de roda revelam saberes de um povo. Revelam suas vozes, seus sons, no tempo que dar as mãos e girar não era um risco, afinal vivemos um tempo pandêmico em que houve a ausência do toque. As cantigas de roda deixaram de existir nesse período? Com esse trabalho, objetivamos com as aulas ministradas, inicialmente conhecer as cantigas e aplicá-las em sala de aula, mas o retorno intelectual, pessoal e profissional foi muito maior.

Compreendemos as cantigas de roda hoje como uma forma de conhecer o outro. Por meio das cantigas de roda, enxergo histórias de vida, enxergo ausências familiares,

enxergo saudades, enxergo saudades, enxergo abraços que não se podem mais dar. Com as cantigas de roda conheço sujeitos históricos. Aprendo sobre Terezinha de Jesus, Dona Chica que se admirou com o berro que o gato deu, conheço o mestre André e sua loja. Conheço minha aldeia e aldeia do outro.

As cantigas de roda também abrem caminhos para outras possibilidades que podem ser exploradas. Podemos trabalhar as questões étnico-raciais por meio das cantigas afro e afrobrasileiras. Investigar sobre a sociedade colonial presente em “Escravos de Jó” ou Samba-lê-lê. Verificar as heranças que diversos povos deixaram legadas a nós. Outro campo possível é o da decolonialidade presente em cantigas de roda indígenas.

Outra possibilidade de pesquisa está no campo da história da religião e religiosidade através das cantigas de roda religiosas. Os campos de investigação por meio das cantigas de roda são vastos e animadores.

Além disso, este trabalho me possibilitou transitar pela arte, pela música, pela composição. O processo de criação foi como um trabalho de costura, fio a fio, observando detalhes que atendessem as expectativas tanto quanto professor, bem como compositor e músico. Esperamos que os professores possam encontrar nesse material audiovisual um suporte para as suas aulas e uma inspiração para continuar ressignificando as cantigas de roda.

Ressignificação foi o que aconteceu comigo em todo esse processo e espero que aconteça com todos os professores que tiverem acesso a esse material. Que eles descubram e redescubram as cantigas como aliadas em seu cotidiano escolar e que inspirem seus alunos a contar e cantar a sua história, trazendo-os para o centro dessa roda!. Viva o Ensino de História!

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Holien Gonçalves. “Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos”. In: KARNAL, Leandro (org.) História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2015
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRAGA, Raimunda Nonata Fortes. Cantigas de roda em tempos de alta modernidade: Representações Sociais dos docentes e dos pais de alunos das Escolas do Campo em Chapadinha (MA). Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) Universidade de Taubaté. Taubaté. 2013
- BRODBECK, Marta de Souza Lima. Vivenciando a história - Metodologia de ensino de história. Curitiba: Base Editorial. 2012.
- BURKE, Peter. O que é História Cultural? Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2005.
- CABRINI, Conceição et al. O ensino de História: revisão urgente. São Paulo: Brasiliense, 2004
- CACIONE, Cleusa Erilene dos Santos; REIS, Marinalva Pereira dos Santos. Resgate e produção de cantigas de roda em Prado Ferreira – PR: quem canta a tradição traz amor no coração. Prado Ferreira - Paraná. 2013. p. 1-17. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_arte_artigo_marinalva_pereira_dos_santos.pdf. Acesso em 24 ago. 2022
- CANO, Márcio Rogério de Oliveira (Coord.). A reflexão e a prática no ensino. São Paulo: Blucher, 2012.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 12°. Ed. São Paulo: Editora Global, 2012
- _____. Dicionário do folclore brasileiro. 10°. Ed. São Paulo: Editora Global, 2001
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Algés: Difel, 2002
- CIAVATTA, Maria. O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica. In: O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.
- COSTA, Denise Ferreira da. et al. A importância da cantiga de roda como instrumento de aprendizagem na educação infantil. Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, ano MMXVIII, N°. 000128, 07/08/2018. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/importancia-da-cantiga-de-roda>

como-instrumento-de-aprendizagem-na-educacao-infantil Acessado em: 10 ago. 2022.

DARNTON, Robert. O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FARIAS, Elaine Gebrim de. As cantigas e brincadeiras de roda como instrumento pedagógico na alfabetização. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil. Alto Paraíso de Goiás. 2013

GASPAR, Lúcia. Brincadeiras de roda. In: PESQUISA Escolar. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/brincadeiras-de-roda/>. Acesso em: 6 ago. 2022

GIL, Carmem Zeli de Vargas; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. A docência em História: reflexões e propostas de ações. Porto Alegre: Edelbra, 2012.

GUIMARÃES, Selva. Didática e prática de ensino de História. Campinas: Papyrus, 201

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2ª ed. São Paulo: Vértice, 1990.

ITORORÓ. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/itororo> . Acesso em: 01 ago 2022.

LIRA, Mírian Moreira. Reencantando a infância com as cantigas de roda. In: Congresso Nacional de Educação, VII., 2020, Maceió. Anais Eletrônicos [2358-8829] Maceió: Realize, 2020. p. 1-13. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/download/69433>. Acesso em 24 ago. 2022

LOPES, Artur Louback. In: Super Interessante. São Paulo: ABRIL, 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-o-caxanga-que-os-escravos-de-jo-jogavam/> . Acesso em: 6 ago. 2022

LOUREIRO, Maristela; LIMA, Sonia Albano. de. As cirandas brasileiras e sua inserção no ensino fundamental e nos cursos de formação de docentes. DAPesquisa, Florianópolis, v. 7, n. 9, p. 393-410, 2018. DOI: 10.5965/1808312907092012393. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13971>. Acesso em: 28 set. 2022.

MARQUES, Juracy. (org). A voz do Tempo: os ventos do Terreiro Bandalecongo. Paulo Afonso-BA: Editora SABEH, 2017.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da Tecnologia. In: MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T. BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas Tecnologias e a Mediação Pedagógica. Campinas: Papyrus, 12º edição. 2006

MEDRANO, Carlos Alberto; OLIVEIRA, Fernanda Germani de. O Brincar 2. O brincar na concepção de Vigostky. UNIASSELVI. Santa Catarina. 2019

MELO, Veríssimo de. Folclore Infantil. 20ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

MICHAELIS. Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cultura/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. São Paulo: Moderna, 1995

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993

OLIVEIRA, Elaine de. A importância das cantigas de roda no processo ensino-aprendizagem da educação infantil. Monografia (Pós Graduação em Educação Infantil) – Instituto Superior de Educação, Faculdade Católica de Anápolis. Anápolis. 2009

PRIORE, Mary Del. (org.). Histórias das Crianças no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC\SEF, 1998 3v.

SALES, Eric de. Cronos, Mnemosine, Clio e a defesa do patrimônio. Historiae. Rio Grande. 2015

SANTOS, Benedita do Socorro Matos. Cantigas de Roda: o Resgate Popular na Formação Sócio-Cultural do Aluno. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) Universidade de Évora. Évora. 2010

SANTOS, Maria Socorro L. dos. “Abre a roda tin, dô, lê, lê”: As cantigas de roda nos relatórios, artigos e memoriais de estágio de Educação Infantil do curso de Pedagogia da UFSC (1988 – 2013.1). Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2009

SILVA, Avani Souza. Cantigas que embalam a infância no Brasil e em Cabo Verde. Veredas Revista Interdisciplinar de Humanidades, São Paulo, v. 3, n. , p. 1-16, dez.jun. 2020/2021

SILVA, Gessione Moraes da. et al. O método biográfico e a formação docente: algumas contribuições. *In*: Congresso Nacional de Educação, III., 2016, Natal. Anais Eletrônicos [2358-8829] Maceió: Realize, 2020. p. 1-13. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_M D1_SA13_ID3417_09082016101136.pdf. Acesso em 16 ago. 2022

SILVA, Maria Cristina Alves Pena da. Música na Educação Infantil: cantigas de roda e as interações das crianças. Monografia (Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2019

SILVA, Mariana da. Cultura popular e sua relação com as cantigas de roda. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de

Santa Catarina. Florianópolis. 2013

SOUZA, Ana Síría Carneiro de. (2012), Cantigas de roda: em busca de vestígios culturais. Programa Institucional de Iniciação Científica. Universidade Federal do Amazonas. Manaus. 2012

SOUZA, Marco Aurélio Cardoso de. As cantigas de roda na creche jardim felicidade – cenário vivo para o “exercício do olhar” – um estudo autoetnográfico. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) - Escola de Música. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2011

TOMAS, Pedro Fernandes. Canções portuguesas (do século XVIII à actualidade) Subsídios para a história da arte portuguesa. Impr. da Universidade, v. 30. Coimbra. 1934

VASCONCELLOS, José Leite de. Revista lusitana: arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal. Imprensa Nacional. Vol. XXVI. 1927. Disponível em https://archive.org/details/sim_revista-lusitania-arquivo-de-estudos-filologicos_1925-1927_26_1-4/page/48/mode/2up. Acesso em 12 ago. 2022